

Robótica Educacional

Ambiente de aprendizagem que estimula
habilidades e competências



Recurso Pedagógico:

Descubra como a Robótica Educacional está sendo usada como reforço escolar nas aulas de Português e Matemática do Ensino Fundamental I

Veja mais:

Saiba como um limão e uma batata podem ajudar a acender uma luz de led



Revolução na educação é ensinar a estudar!

Fábio Ribeiro Mendes*

O século XXI se diferencia dos demais pela alucinante progressão tecnológica, que se reflete em mudanças constantes e palpáveis em nossas vidas. Nesse cenário, todos concordam que é preciso revolucionar a Educação, com maior foco na formação de habilidades do que no ensino de conteúdos. Atualizar os ensinamentos passados aos alunos é válido, mas insuficiente para alçar a educação a outro patamar. Com exceção de um núcleo básico de saberes, nenhum currículo no planeta – seja na Educação Básica ou na Superior – pode ser capaz de dar formação suficiente em um mundo em constante transformação.

Precisamos revolucionar a Educação e todos concordam com isso. Contudo, o foco não deve ser a reforma curricular, mas outro: desenvolver no aluno a capacidade de aprender com autonomia. Isso depende de uma mudança na didática utilizada. Sem isso, os novos conteúdos novamente se apresentarão ao estudante como informações a serem reproduzidas. E, após a massificação do acesso à informação, o mero acúmulo de dados deixou de fazer sentido. Assim, as aulas expositivas têm perdido seu significado. Elas estão sendo, e devem ser, progressivamente abandonadas.

O ponto levantado pode ser motivo de aflição para os leitores-professores. “Eu tenho meu jeito de dar aula”, muitos deles dizem, defensivos, “e vou continuar fazendo como sempre fiz”. Eu peço paciência. Vamos deixar em suspenso esse sentimento por algum tempo. Há, pelo menos, um modo – deve haver outros tantos – de desenvolver nos alunos essa capacidade de aprendizado autônomo. Ele consiste em ensiná-los a estudar, utilizando o conteúdo do dia.

Oficinas de estudo. Essa é a denominação que melhor descreve tal didática. Em resumo, o professor apresenta o conteúdo a ser trabalhado em uma folha ou no próprio livro didático. Então, sempre circulando em sala de aula, pede aos alunos para realizarem os seguintes passos:

1º) Realizar uma leitura panorâmica, para ficarem com uma ideia geral do material;

2º) Marcar os trechos mais importante com colchetes e, em seguida, sublinhar as palavras-chave de cada um deles;

3º) Fazer anotações livres sobre o que destacaram;

4º) Realizar exercícios ou qualquer atividade para notarem o que aprenderam (e também o que não aprenderam) do conteúdo.

Devemos pedir para os alunos levantarem a mão se precisarem de ajuda e é importante não parar a movimentação entre as classes. Depois de algumas resistências e conversas reservadas com estudantes indispostos, a prática funciona bem. Ao final, podemos pedir para que eles formulem e respondam perguntas sobre o conteúdo. Então, só então, o professor toma a palavra e esclarece a turma sobre o conteúdo.

As oficinas não requerem o abandono das aulas tradicionais, podem abrigar com naturalidade o conteúdo programático e recebem aprovação massiva dos alunos. Trabalham, ainda, com um método de estudo intuitivo, muito simples, e podem ser aplicadas em qualquer disciplina. As dúvidas dos alunos devem ser revertidas em “formulação de perguntas”, que serão respondidas pelos colegas e, se não for possível, pelo professor.

A prática, mesmo que eventual, de oficinas de estudo resgata a confiança dos alunos em suas capacidades cognitivas. Elas ensinam a eles sobre como aprender por conta própria em uma época de mudança constante e, com isso, dá significado aos conteúdos programáticos: eles são meios para um aprendizado maior.

Se pararmos para pensar, não seria revolucionário se nossos alunos saíssem da Educação Básica sabendo estudar? Pois isso pode ser alcançado por qualquer escola, com qualquer currículo, desde que, pelo menos em algumas aulas, os professores se proponham a ensinar a estudar. A revolução na educação pode começar amanhã, em sua sala de aula.

Para saber mais: “A Nova Sala de Aula” e “A Formação de Hábito de Estudo”, de Fábio Ribeiro Mendes (Autonomia Editora).

***Fábio Ribeiro Mendes** é graduado, mestre e doutor em Filosofia pela UFRGS.



Conselho Editorial
Julio Cesar da Costa
Ednaldo Carvalho Silva

Jornalismo
Antônia Lúcia Figueiredo
(M.T. RJ 22685JP)

Colaboração
Sandra Martins, Jéssica Almeida, Richard Günter, Marcela Figueiredo, Leonardo Mega e Tony Carvalho

Fotografia
Marcelo Ávila, Tony Carvalho

Design Gráfico
Luiz Cláudio de Oliveira
Marcel Schocair Costa

Revisão
Sandro Gomes

Periodicidade e tiragem
Bimestral – 85.000 (oitenta e cinco mil)

Impressão e distribuição
Gráfica Ediouro – Correios

Professores, enviem seus projetos para a redação da Revista Appai Educar:

End.: Rua Senador Dantas, 117/229
2º andar – Centro – Rio de Janeiro/RJ.
CEP: 20031-911

E-mail: jornaleducar@appai.org.br
redacao@appai.org.br

Endereço Eletrônico:
www.appai.org.br

Tel.: (21) 3983-3200

• Os conceitos e opiniões emitidos em artigos assinados são de inteira responsabilidade dos autores.



O conflito em sala de aula Como administrá-lo?

Antônio José Ferreira*

Onde estiverem dois seres humanos juntos, a possibilidade da existência do conflito estará também. No local de trabalho, no parque de diversões, no aconchego do lar e, por que não, até no banco da igreja, bastando que para tanto parta de um deles a iniciativa da discórdia, da desarmonia, do desentendimento e, pronto, temos uma situação conflituosa instalada. E por que não também na sala de aula?

Segundo a professora Marly Weber¹ "psicologicamente o conflito é um estado emotivo doloroso, produzido por uma tensão entre desejos, interesses, opiniões, ideologias, valores e caracteres. Origina-se na pluralidade de pontos de vista entre as pessoas nas diferenças de expectativas, de necessidades, na forma de interpretar a realidade, nos interesses pessoais e interpessoais".

No espaço da sala de aula professores e alunos convivem diária e rotineiramente criando, dessa forma, um ambiente de convivência humana como pode acontecer, também, no local de trabalho. Algumas pesquisas já demonstram que esses espaços de convivência propiciam o conflito porque aproximam pessoas e pessoas têm interesses e pontos de vista diferentes. A simplória exposição da opinião de alguém a respeito da atuação de um time de futebol num jogo ocorrido na véspera, num ambiente onde estejam pessoas reunidas para realização de determinadas tarefas, pode gerar um conflito de proporções incalculáveis.

Uma vez instalada a discórdia, só a negociação será capaz de pôr termo ao mesmo. Mas o que é negociar, no caso do conflito? Negociar, nessa situação, passa a ser a arte de comunicar e compreender a pluralidade dos desejos e necessidades no contexto das opiniões e emoções. Negociar numa situação conflituosa é buscar para as partes envolvidas o ganho a que aspiram. É claro que, normalmente, ambas têm que transigir porque a intransigência é a mais fértil fonte de alimentação do conflito.

Um dia um poeta disse: "O que dá para rir, dá para chorar / questão só de tempo e medida". Pois bem, os mesmos fatores que dão origem aos desentendimentos entre as pessoas servem para propiciar a troca, o desenvolvimento do outro, seu crescimento como pessoa:

No ambiente da escola, o conflito, se administrado de forma racional, acaba por estimular a percepção de limites, de direitos e deveres.

São muitas as razões pelas quais o conflito pode se instalar em sala de aula mas, neste trabalho, optamos por discorrer sobre as seguintes:

1º Divergência de Metas e Objetivos

O planejamento escolar, via de regra, não leva em consideração o que pensa e quer o destinatário da ação didático-pedagógica. O docente inicia seu trabalho, a implementação do programa previamente elaborado, em alguns casos há muitos e muitos anos, sem preocupação em constatar a validade, a utilidade, a praticidade do que ensinar para seus alunos.

Estes, por seu turno, sem opção de escolha, passam

a priorizar o que lhes é mais interessante, mais útil, dedicando-se com afinco, relegando a um segundo plano (e às vezes terceiro) tudo aquilo que consideram "utilidades" do programa. Há casos mais graves em que não são pontos do programa que acabam refugados pelos alunos mas o programa como um todo.

Temos observado, com nossa experiência em coordenação que, normalmente, os professores não realizam junto aos alunos a conscientização da importância de sua disciplina para o processo de formação profissional.

2º Normas e Procedimento / Cada um por Si

Em qualquer estabelecimento de ensino, o que não faltam são normas. Há norma para tudo: horário de chegada, de saída, de recreio, uniforme etc. Essas normas que regulam a relação do aluno com a escola em geral não provocam muitos conflitos. O problema mais grave ocorre em sala de aula. Se o aluno tem 5 ou 6 professores, cada um adota uma norma diferente para uma mesma situação e aí é que surge a confusão. Essa disparidade acaba, inclusive, provocando conflito entre os próprios professores. A coordenação seja ela administrativa ou pedagógica acaba tendo que funcionar como "bombeiro" o tempo todo para apagar os "incêndios" provocados por essa falta de homogeneidade de comportamento. Alguém há de perguntar: o que faz a coordenação que não acaba de uma vez por todas com essa confusão, baixando atos normativos para tudo? E eu lhes respondo: Adianta? Só para ilustrar, cito o caso do Diário de Classe. Há professores que não fazem chamada regularmente em suas aulas. Dizem para os alunos que presença, para eles, é secundário. Pois bem, no final do semestre letivo querem porque querem reprovar determinados alunos sob alegação de que foram faltosos. Essa disparidade de procedimentos deixa o aluno inseguro em relação ao professor. Na verdade ele nunca sabe o que esperar do seu mestre porque suas reações são imprevisíveis. O humor do professor, no dia da aula, passa a ser um fator determinante para que as atividades que deveriam ser sempre prazerosas convertam-se em sessão de tortura.

3º Execução de Tarefas – Forma e Critérios Variados

Não é hábito dos professores em geral, sobretudo nos bachearelados, a divulgação para seus alunos dos critérios pelos quais serão avaliadas suas tarefas. Via de regra limitam-se a informar o tema do trabalho é nada mais. O conflito aparece, nesse caso, quando o trabalho é devolvido com a nota e, na sala, tem início o processo de comparação entre os trabalhos e as respectivas notas. "Nosso trabalho tem vinte folhas e o professor deu sete. O da outra equipe tem apenas doze e eles tiraram nove e meio. Como isso é possível?" "Nós colocamos mais de dez fotos e gravuras coloridas e tiramos seis e meio. A outra equipe só colocou duas e assim mesmo em branco e preto e tirou oito. Como isso é possível? Superada a fase das constatações e comparações sem que o professor tenha escrito uma linha sequer para justificar a nota, começa o combate: O senhor foi injusto conosco! O senhor não gosta de nossa equipe! Já sei, naquela equipe só tem garotinhas bonitas! Professora, a senhora leu mesmo o nosso trabalho? Por que tiramos essa nota se nosso trabalho está igualzinho ao da equipe "X" e, no entanto, para eles a senhora deu dois pontos a mais (o pior é que, nesses casos, um trabalho é, realmente, cópia do outro com algumas pequenas diferenças para disfarçar).

Nesse item, formas e critérios poderiam ser estabelecidos

pela coordenação pedagógica, de comum acordo com os professores, que se comprometerão a cumpri-las à risca. Ao determinar a tarefa para os alunos, os docentes devem fazê-lo, preferencialmente, por escrito, explicitando inclusive a forma pela qual serão avaliados. Se o conflito é inevitável, saber administrá-lo traz bons resultados para alunos e professores, bastando, para tanto, sejam observados alguns requisitos, como, por exemplo:

a) Ação Preventiva – Diz a sabedoria popular que não adianta chorar depois de derramado o leite. Pois bem, prevenir e prevenir o conflito é não deixar “derramar o leite” bastando, para tanto, que as regras sejam claras, estabelecidas antecipadamente após discussão com todos os envolvidos no processo.

b) Sintonia Harmoniosa – Cuidado permanente para que ruídos no processo de comunicação envolvendo alunos x professores x alunos não criem situações constrangedoras que acabem por gerar um clima de desarmonia. Isto redundaria em grave prejuízo para o processo de ensino x aprendizagem, que exige sintonia perfeita entre todos.

c) Desestabilização por Fatores Externos – Quando ocorre algo externo à sala de aula, mas que repercute ou pode repercutir negativamente em sala, a melhor atitude deve ser a de promover a abordagem do assunto com clareza para que as partes envolvidas possam analisar o fato e tirar suas conclusões.

d) Agressividade – Volto a lembrar o papel do bombeiro: apagar incêndios. Se os ânimos estão exaltados, alguém tem que incorporar o bombeiro. Na sala de aula, por ser mais velho, mais experiente, com maior preparo intelectual, no meu entendimento, esse papel é do professor. Há casos, no entanto, principalmente no 3º grau, onde todos são adultos e muitos até bem mais velhos que o professor, que esse papel pode acabar com um aluno ou um grupo de alunos da classe.

e) Radicalização e Polarização – Já foi exaustivamente provado que quanto mais agradável o clima da sala de aula melhor se viabiliza o processo ensino/aprendizagem. Quando, no entanto, instaura-se no ambiente uma atmosfera hostil em que grupos ficam em permanente estado de “guerra”, o rendimento da turma como um todo acaba comprometido e graves consequências podem ocorrer para esses grupos e/ou alunos envolvidos. Também não trazem benefícios ao processo certas atitudes radicais dos professores, que só servem para gerar nos alunos uma antipatia tão acirrada que acaba contagiando a disciplina. Não são raros os exemplos em que uma matéria, num determinado período letivo, goze de extrema simpatia dos estudantes e no outro, por culpa do docente que a ministra, passe a ser detestada. O professor que não consegue fazer com que seus alunos gostem da disciplina que leciona, sintam a importância dela para seu processo de formação, percebam a utilidade prática nas suas vidas, já entra na “guerra” com meia batalha perdida.

Mas se o conflito em sala de aula, pela natureza do espaço dado aos atores envolvidos, é inevitável, o que pode ser tentado para que seja evitado ou, na pior das hipóteses, diminuído?

1º É muito importante que as partes envolvidas apresentem disposições para negociar o equilíbrio em prol das metas tratadas por todos. Se não houver essa circunstância, a tendência é assistirmos, como num incêndio, o fogo alastrar-se de tal maneira que acabe incontrolável. Não resta dúvidas e reiteramos que o papel de bombeiro, no caso,

tem que ser desempenhado pelo professor. Afinal de contas ele é o ser adulto, ele é o ser já diplomado. Ele estudou Metodologia do Ensino. Ele tem (ou deveria ter) noções de Psicologia da Educação, Didática etc. Contudo, não podemos garantir, infelizmente, ser ele, em muitas situações, o mais eficaz. Pelo contrário, o dia a dia nos mostra que há casos em que ele é o incendiário.

2º Você já teve o prazer de assistir, numa reunião de docentes para discutir e solucionar um grave conflito ocorrido na escola, um dos presentes assumindo sua parcela de culpa no episódio? Pois é, pode até acontecer, mas, tal como ocorre com o estudante, é algo muito raro. Quase sempre o dedo do professor aponta para o aluno e o do aluno para o professor, ou para a direção da escola. Qualquer outro ponto que não seja a si próprio. Num conflito, mesmo fora da sala de aula, a atitude mais confortável é a imediata eleição de um culpado. Encontrada essa vítima, pronto, tudo está solucionado. É claro que não pode ser assim. É claro que, enquanto os envolvidos no conflito não assumirem suas parcelas de responsabilidade, o desentendimento não se transformará em entendimento.

3º Instaurado o conflito, realizada a negociação para sua solução, solucionado, o passo seguinte é a redefinição dos termos da relação entre as partes sob pena de vê-lo brotar de novo a qualquer momento. Nenhum conflito acaba de vez se a causa não for enfrentada com coragem e transparência. Existem conflitos na escola que já perduram por décadas. Posso citar como exemplo aqueles que são gerados pelos critérios de avaliação do aluno, que são estruturados a partir de categorias absolutamente subjetivas, alimentados pelo bom ou mau humor do professor no dia em que elabora, aplica e/ou corrige as provas e/ou trabalhos. Numa hipótese ainda mais dramática, o critério da simpatia/antipatia direciona a caneta do mestre para a aprovação ou reprovação. Tanto isto é (infelizmente) verdadeiro que dois ou mais alunos com respostas idênticas recebem notas absolutamente díspares. A relação professor x aluno é tratada, nesses casos, como a brincadeira de esconde-esconde.

Concluído

O conflito no ambiente escolar não acabará nunca porque, como dissemos no início deste trabalho, onde estiverem dois seres humanos a possibilidade do embate é iminente. Sendo a escola o local eleito para preparação do indivíduo para o exercício da cidadania, a existência do conflito nesse espaço é algo extremamente salutar porque, a partir dele, os alunos vão perceber que na sociedade há desavenças das mais diversas naturezas: políticas, sociais, religiosas, econômicas, psicológicas etc. E que esses problemas, não importa sua natureza, servirão de motivo para o desenvolvimento dos valores humanos, tais como: a tolerância, a compreensão, o respeito, a capacidade de transigir, de ser humilde e reconhecer seus erros, de ouvir o próximo, enfim, a escola não pode, não deve perder a chance de ouro de transformar sempre o conflito em matéria para a humanização do homem e, para isso, a figura do professor é de primordial importância. Não fosse assim, ele há muito já teria sido trocado por uma máquina de ensinar.

***Antônio J. Ferreira** é Bacharel em Letras (UFRJ); Direito e Especialista em Direito Privado (UFF) e Mestre em Ciências de La Educación, pela Universidad Monterrey – México.



Educação na cidade partida

Uma amiga professora, que leciona numa escola privada de classe média alta e numa outra da rede estadual de uma região muito pobre, prestou-me um depoimento, no mínimo, inquietante. Falou sobre como era preciso se dividir para trabalhar em dois mundos socialmente tão distintos e sobre as dificuldades para passar incólume por ambientes que ora derrubavam sua autoestima, ora lhe provocavam um profundo sentimento de culpa social.

Três vezes por semana, na escola pública, ouvia relatos de adolescentes grávidas, sobre a precariedade das suas casas, a convivência com bocas de fumo e como, muitos e muitas, sonhavam em, no futuro, tomar o seu lugar, tornando-se professores – entendida, mais do que uma profissão, como um salvo-conduto para uma vida digna e confortável. Para parte desse grupo, dos que ainda cultivam certa ambição, a professora é uma boia de salvação.

Na outra escola, os relatos eram bem diferentes. Ela ouvia muito falar no que os pais dos alunos fazem, nos aparelhos eletrônicos que possuem e nas frequentes viagens ao exterior, para lugares que ela própria não havia

tido a chance de conhecer. Falavam também que não sabiam exatamente o que fazer na vida, mas que certamente não seriam professores, porque não queriam “morrer de fome”. Para a maior parte desse grupo ela não é um modelo profissional a ser seguido.

Paris, Disney, Nova York, Aspen, Angra, Búzios formam a geografia da “turma rica”, usando-se uma expressão bem simples, em contraste com lajes, linha do trem, morro, valão, que são os principais pontos de referência da “turma pobre”. Inevitável, durante o relato da professora, não me lembrar da Belíndia, imagem do Brasil cunhada pelo economista Edmar Bacha, tempos atrás: de um país com uma face Bélgica, pequena e muito rica; e outra face Índia, grande e pobre. No caso, esclareça-se, uma expressão criada bem antes do crescimento econômico que levou a Índia a figurar entre as nações em grande ascensão.

Mas, a despeito do tom de aflição que acompanhava o relato, pude notar um brilho nos seus olhos, ao falar dos êxitos alcançados nos dois lados. Pequenas, mas expressivas vitórias que, num dia a dia de exasperantes rotinas, aproximavam os alunos das duas realidades.

Andrea Gouvêa Vieira



Os conhecimentos apropriados significavam novos horizontes, além dos limites das favelas onde moravam uns ou das viagens a lugares de sonho que faziam os outros. E a principal lição que ela transmitia talvez fosse a de revelar o mundo com maior clareza, inclusive os abismos que separam a vida de algumas pessoas, mas que caberia a cada um se esforçar para transpor, como uma meta importante a ser alcançada.

Ao abrir os olhos de seus alunos, essa educadora transferia, indistintamente, mais do que conhecimentos objetivos. Transmitia uma inestimável sabedoria, provando que não existe nada mais valioso a ofertar para os jovens do que uma educação de verdade.

(Texto publicado originalmente em março de 2012)

Andrea Gouvêa Vieira

Jornalista, ex-vereadora do Rio de Janeiro



Um pouco de luz... em nossos conhecimentos

A partir da temática “luz da vida” comunidade escolar viabiliza projeto interdisciplinar

Tony Carvalho



É comum a afirmação de que “não poderíamos viver sem ela” e é também tido como certo que, sem luz, a vida não existiria. Nem nos damos conta, mas as tecnologias da luz estão popularmente presentes em nosso cotidiano em forma de *leds*, fibras ópticas, *lasers*, lâmpadas e outros tantos dispositivos. Por isso, cada vez mais, especialistas defendem o desenvolvimento de ações de sensibilização de políticos e da sociedade, como um todo, para despertá-los sobre a importância da luz na vida e no bem-estar, assim como as novas descobertas da área. Por isso, com o objetivo de mostrar ao mundo a importância desse elemento na criação de um futuro mais sustentável, a ONU e a Unesco definiram 2015 como o Ano Internacional da Luz.

Aproveitando esse gancho, em Nova Iguaçu, a Secretaria Municipal de Educação recomendou que as escolas da rede adotassem o tema “Luz na vida”. Baseada nessa orientação, a Escola Municipal Janir Clementino Pereira, no bairro Miguel Couto, desenvolveu o projeto *Consciência e Ação no Janir... adote essa ideia*. Estudantes do primeiro e do segundo segmentos do Ensino Fundamental se mobilizaram para explorar esse eixo condutor das mais variadas formas. Enquanto algumas turmas abordaram princípios e valores fundamentais que levam luz às vidas das pessoas e no relacionamento com seus semelhantes, outras visitaram o Museu da Light, no centro do Rio, para conhecer um pouco da história da energia elétrica, observar alguns equipamentos e aprofundar seus conhecimentos nas áreas de eficiência energética, sustentabilidade e fontes alternativas.

De acordo com a coordenadora pedagógica Hilda Santos o projeto dá aos alunos a possibilidade de serem protagonistas, participando na tomada de decisões de forma crítica e tendo compreensão dos processos no mundo em que vivemos. “Dentro dessa proposta, buscamos proporcionar ao aluno a capacidade de aprender a planejar, desenvolver pesquisas e estimular a argumentação. Tudo isso faz com que ele conquiste a cidadania, através da capacidade do saber pensar”, define.

O Fundamental I destacou as questões ambientais e a consciência de valores. Segundo a professora Marcia Magalhães da Silva, orientadora pe-

...buscamos proporcionar ao aluno a capacidade de aprender a planejar, a desenvolver pesquisas e estimular a argumentação...



A turma 701 utilizou garrafas pet, cheias de água e cloro, para fazerem o papel de teto solar, iluminando uma casa durante o dia, sem gasto de energia elétrica



dagógica do segmento, foram realizadas várias atividades inseridas no projeto *Sementes do amanhã*. Os alunos fizeram apresentações coreografadas e realizaram alguns esquetes abordando a economia de água e de energia elétrica. As professoras de Educação Física Carina Porto e Suelen Dutra deram as contribuições necessárias para que os estudantes preparassem seus números sem sair do tema da mostra. "O trabalho corporal faz parte do processo de formação dos alunos", resume Carina. "A ideia é fazer com que eles entendam a importância da atividade física para a saúde e que também possam levar esse conceito para casa, mostrando que tais práticas não acontecem apenas em academias, mas podem ser realizadas ao ar livre, como uma caminhada, por exemplo", completa Suelen.

No Fundamental II, a professora Talita Costa, de História, desenvolveu, com os alunos de 8º e 9º anos, o tema "Histórias eletrizantes" com a finalidade de analisar o Brasil em quatro momentos: colônia, império, república e como seria viver sem eletricidade. "Quisemos provocar uma reflexão fazendo-os imaginar como seria um mundo sem luz. Eles foram buscar nos parentes mais idosos informações sobre o tempo dos lampiões a gás. A professora Sandra Moura, de Ciências, focou os trabalhos nos conhecimentos vivenciados na visita ao Museu da Light. "Essa aula de campo foi impor-

tante porque deu ao grupo um embasamento maior sobre o assunto. Concentramos a nossa pesquisa nos geradores, que são aparelhos nos quais a energia química, mecânica, solar ou de outra natureza qualquer é transformada em elétrica. Para a mostra, os alunos reproduziram esses geradores. Eles também conciliaram o conteúdo visto em sala de aula com a tabela periódica e o movimento dos elétrons", enfatiza.

A professora de Geografia, Fátima Mendes, elege a integração de todas as disciplinas como o ponto alto do projeto: "Colocamos a interdisciplinaridade em prática. Mostramos aos alunos que, embora pareça que as nuances da vida estejam em gavetinhas, elas pertencem ao mesmo móvel. Quando todos cooperam mutuamente o trabalho rende muito mais". A docente Margareth Rezende, também de Geografia, aponta o trabalho coletivo dos estudantes e a preocupação em oferecer o melhor para a mostra. "Eles compartilharam ideias e, dentro da realidade deles, fizeram experimentos muito bons. E, durante a culminância, ao explicar esses conhecimentos para os visitantes da mostra, se tornaram multiplicadores do saber".

Cada turma teve pelo menos um professor-orientador, que ajudou a dissipar as eventuais dúvidas surgidas durante a etapa de execução do projeto. A professora de Inglês, Rose Freitas, acompanhou o trabalho da turma 701 que utilizou



Os alunos fizeram apresentações coreografadas e realizaram alguns esquetes abordando a economia de água e de energia elétrica





garrafas *pet*, cheias de água e cloro, para fazerem o papel de teto solar, iluminando uma casa durante o dia, apenas com a luz do sol, sem gasto de energia elétrica. A professora de Matemática Darlene de Almeida Santana orientou a turma 702 a preparar um trabalho sobre o desperdício de água. Os alunos apresentaram dados estatísticos revelando o percentual de consumo diário em uma casa com quatro moradores. Para a professora de Língua Portuguesa Ana Maria Santos, o maior benefício do projeto foi integrar os conhecimentos adquiridos à realidade dos jovens. "Além do aprendizado científico e dos valores, que eles vivenciaram e poderão colocar em prática, é importante também a responsabilidade com o meio ambiente e, conseqüentemente, com o ser humano, pois nós também somos natureza", afirma. Como a Secretaria de Educação do município promove anualmente, no segundo semestre, um concurso de paródias, a escola aproveitou o evento para selecionar o seu representante na competição. O trabalho de produção foi desenvolvido pelo professor de música Bruno Boechat. "A paródia é uma boa oportunidade de incluir a música e a produção textual em uma mesma atividade, que estimula a oralidade, vence as barreiras da timidez e mostra que eles são capazes de produzir e de se expressar", define.

Nathalia Cristine Corrêa da Silva é supervisora escolar e representante da Secretaria de Educação de Nova Iguaçu. Ela acompanhou as etapas do projeto e faz uma avaliação: "Observei o empenho dos professores e da equipe desta escola como um todo. Quem já a acompanha há algum tempo vê uma transformação radical. Mudança de perspectiva e de empenho, o que nos deixa com a certeza de que há um compromisso com a cidadania e a aprendizagem desses alunos". A diretora-geral Elane Toledo Dantas lembra que cada projeto pedagógico é um momento de enriquecimento cultural, de ação transformadora tanto para os jovens quanto para os familiares. "O responsável tem a oportunidade de acompanhar o que foi trabalhado na escola e perceber que o projeto é uma maneira diferenciada de aprendizado. E para o aluno é luz na vida, na maneira de pensar e de agir", finaliza.

Escola Municipal Janir Clementino Pereira
Rua Professor Erylél Huaick Dapieve, 66
Miguel Couto – Nova Iguaçu/RJ
CEP: 26070-437
Tel.: (21) 2886-2260
E-mail: em.janirclementinopereira@gmail.com
Direção-geral: Elane Toledo Dantas
Fotos: Tony Carvalho



A Psicomotricidade e o Idoso – uma educação para a saúde

Fátima Alves – Wak Editora – Tel.: (21) 3208-6095

O livro traz subsídios para a organização de um programa de informações por meio da educação, reeducação e terapia psicomotora voltado para o idoso. Também reúne reflexões concernentes ao trabalho psicomotor e sua contribuição na construção e preservação da saúde do idoso para uma melhor qualidade de vida.

Manual de Jogos e Brincadeiras – atividades recreativas para dentro e fora da escola

Cleber Junior – Wak Editora – Tel.: (21) 3208-6095

Elaborado com o intuito de despertar, propagar e incitar o interesse por jogos e brincadeiras, referente aos seus conceitos, classificações e participantes, além de contribuir para a formação teórica e prática de profissionais e acadêmicos, por meio dos conteúdos e sugestões de atividades propostas.



Autoestima: práticas para transformar pessoas

Beatriz Acampora – Wak Editora – Tel.: (21) 3208-6095

O livro traz informações relevantes acerca da autoestima e propõe práticas para o desenvolvimento do potencial das pessoas, de modo que elas possam experimentar novas maneiras de lidar com as situações da vida. São levantadas questões como práticas para uma educação que possibilita a autoestima, práticas para desenvolver resiliência, entre outras.

Sono e Saúde – Interface com a psicologia e a neurologia

Organizadores: Rubens Reimão, Luiza Elena L. Ribeiro do Valle, Sueli Rossini, Eduardo L. Ribeiro do Valle
Novo Conceito – Tel.: (16) 3512-5500

O sono é um processo que diz respeito a todos. Sonolência excessiva ao longo do dia, dificuldades para dormir, são problemas que interferem na memória, no raciocínio, no humor, no desempenho físico e no relacionamento social. O grupo de Pesquisa Avançada em Medicina do Sono responde ao desafio de acrescentar novos trabalhos a esse tema que é sua especialidade.



Diálogos com a Escola da Ponte

José Pacheco e Maria de Fátima Pacheco – Editora Vozes – Tel.: (24) 2233-9029

Escola da Ponte é uma instituição pública de ensino, localizada em Portugal, e tem como objetivo oferecer um método de ensino que dá direitos de participação iguais para estudantes, professores e funcionários. Os autores não queriam elaborar apenas um livro com a história da Escola da Ponte, e sim uma obra que explicasse, em detalhes, como funciona o ensino da Escola.

Teoria e Prática em Psicomotricidade – jogos, atividades lúdicas, expressão corporal e brincadeiras infantis

Geraldo Peçanha de Almeida – Wak Editora – Tel.: (21) 3208-6095

A proposta do autor é apresentar uma prática em psicomotricidade que possa ser aplicada em clínicas, centros de formação e de reequilíbrio corporal e principalmente em sala de aula. O autor apresenta experiências de sua atuação de professor e deixa o livro o mais próximo possível da realidade do trabalho do profissional que quer fazer da psicomotricidade um instrumento facilitador da aprendizagem.





Rompendo estereótipos

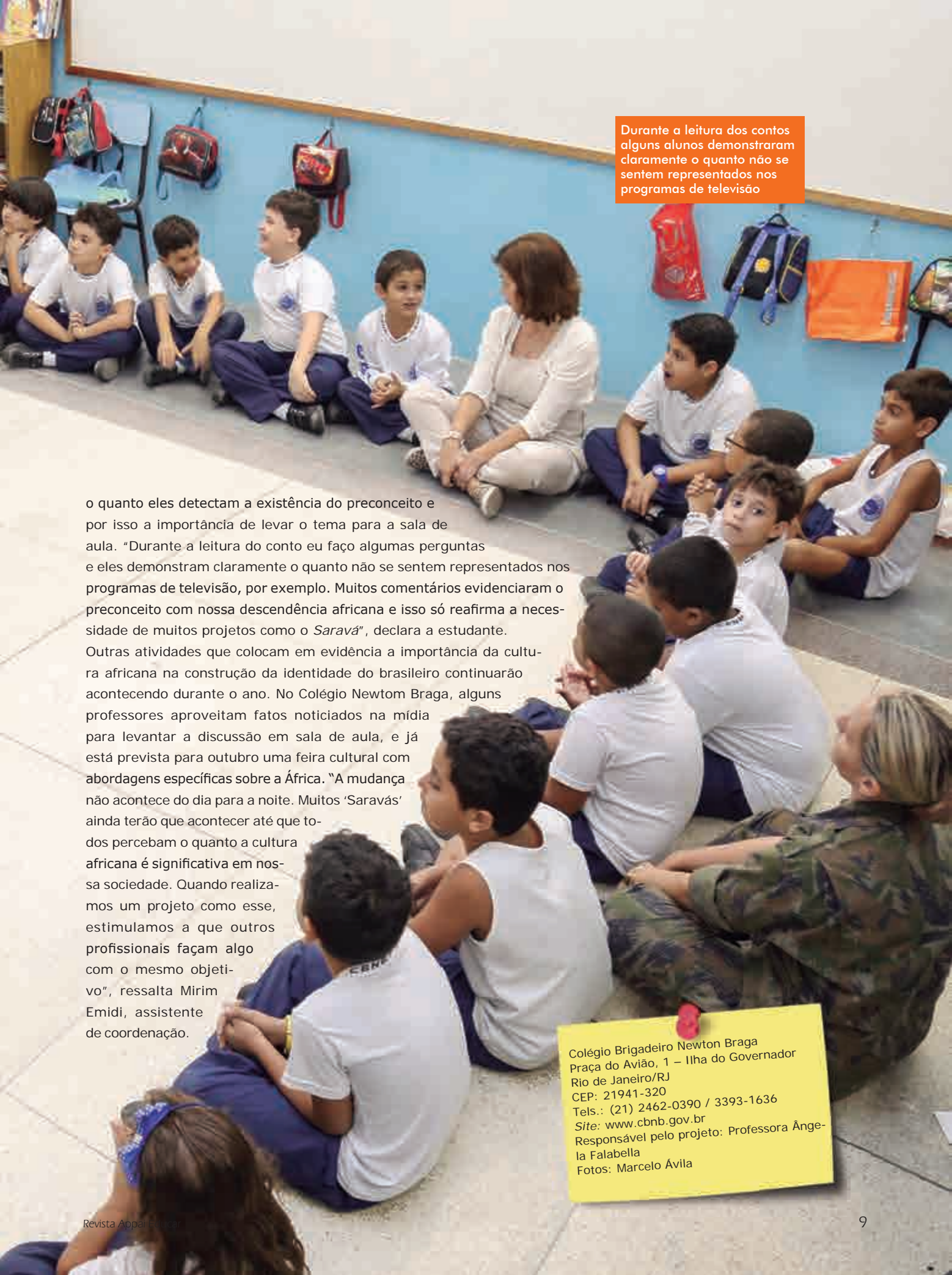
Projeto propõe reflexão sobre a importância do negro na construção da sociedade brasileira

Marcela Figueiredo

O corpo docente do Colégio Brigadeiro Newton Braga escolheu o dia em que se comemora a Abolição da Escravatura para dar o pontapé inicial em uma série de atividades que buscam dar visibilidade à história e à cultura africana. Foi um dia inteiro com debates, oficinas e exposições com temas relacionados ao papel da escola e dos movimentos sociais na luta contra o racismo e a implementação da Lei 10.639/2003. De acordo com a professora Ângela Falabella, a escola deve trabalhar constantemente para romper com o preconceito e um dos focos do projeto foi contribuir para a formação de pessoas conscientes da multiplicidade do ser humano. "O aluno precisa entender que as diferenças existem e que elas precisam ser respeitadas. O projeto *Saravá*, desde a escolha do nome, tem o objetivo de romper com todos os estereótipos", declara a educadora.

O desafio de construir uma educação plural e livre do racismo levou a ex-aluna Daniela Ferreira a voltar à escola para dar sua contribuição. Apaixonada pela escrita, ainda nos tempos de secundarista escreveu o conto "Mãe, por que todo mundo tava de cabelo liso na festa?" e mostrou a alguns professores. Devido ao conteúdo do texto, que aborda a necessidade que muitas pessoas têm de disfarçar os traços da raça negra, os educadores consideraram pertinente convidar a ex-aluna para apresentar o conto aos atuais educandos.

Para Daniela, hoje aluna da Faculdade de Letras da UFRJ, voltar à escola para transmitir um pouco do seu pensamento aos estudantes e compartilhar com eles o que aprendeu foi um momento muito especial porque, segundo ela, "na maioria das vezes a escola não é vista como um espaço para formação do cidadão no sentido mais amplo da palavra e somente como um local para transferência de conteúdo". Na fala dos alunos ela pôde perceber



Durante a leitura dos contos alguns alunos demonstraram claramente o quanto não se sentem representados nos programas de televisão

o quanto eles detectam a existência do preconceito e por isso a importância de levar o tema para a sala de aula. “Durante a leitura do conto eu faço algumas perguntas e eles demonstram claramente o quanto não se sentem representados nos programas de televisão, por exemplo. Muitos comentários evidenciaram o preconceito com nossa descendência africana e isso só reafirma a necessidade de muitos projetos como o *Saravá*”, declara a estudante. Outras atividades que colocam em evidência a importância da cultura africana na construção da identidade do brasileiro continuarão acontecendo durante o ano. No Colégio Newton Braga, alguns professores aproveitam fatos noticiados na mídia para levantar a discussão em sala de aula, e já está prevista para outubro uma feira cultural com abordagens específicas sobre a África. “A mudança não acontece do dia para a noite. Muitos ‘Saravás’ ainda terão que acontecer até que todos percebam o quanto a cultura africana é significativa em nossa sociedade. Quando realizamos um projeto como esse, estimulamos a que outros profissionais façam algo com o mesmo objetivo”, ressalta Mirim Emidi, assistente de coordenação.

Colégio Brigadeiro Newton Braga
Praça do Avião, 1 – Ilha do Governador
Rio de Janeiro/RJ
CEP: 21941-320
Tels.: (21) 2462-0390 / 3393-1636
Site: www.cbnb.gov.br
Responsável pelo projeto: Professora Ângela Falabella
Fotos: Marcelo Ávila



Cantando a beleza de ser um eterno aprendiz

Gente miúda mostra a diversidade cultural da Cidade Maravilhosa

Jéssica Almeida

Aproveitando a comemoração dos 450 anos do Rio de Janeiro, o EDI Ludmila Máximo Moreira Cardoso optou por organizar a primeira mostra de trabalho com o título “Eu sou o Rio”, utilizando-se de diversas músicas e ritmos, vídeos, fotografias, histórias e pontos turísticos relacionados à cidade. A proposta do projeto, intitulado de *Cantando a beleza de ser um eterno aprendiz*, é mostrar a diversidade cultural, suas características e peculiaridades, contribuindo assim para a construção e o reconhecimento das identidades que envolvem o Rio de Janeiro.

A diretora Ana Cristina Moreira relata que a escola trabalhou com a música “Aquele Abraço”, cantada por Gilberto Gil, e com o vídeo de divulgação “Viva a Cariquice”. Além das músicas “Rio 40 graus” (Fernanda Abreu), “Cariocas” (Adriana Calcanhoto), “A voz do morro” (Diogo Nogueira), “Do Leme ao Pontal” (Tim Maia), “Garota de Ipanema” (Vinicius de Moraes), “Endereço dos Bailes” (Monobloco, Mc Junior e Leonardo), entre outras. Foram levantadas questões como a identidade negra e cantores afrodescendentes do Rio de Janeiro, os bairros onde os alunos moram, o entorno da escola, os pontos turísticos da cidade.

Cada turma, do berçário até a pré-escola II, trabalhou um ponto turístico, como o Sambódromo, as praias, o Cristo Redentor, o Pão de Açúcar, o calçadão de Copacabana, o Jardim Botânico, a Quinta da Boa Vista e o logotipo dos 450 anos, onde cada um representou a identidade carioca utilizando-se de técnicas diversas: recorte e colagem, pintura, esculturas, jornal amassado, etc., “respeitando sempre a especificidade de cada faixa etária”, ressalta a diretora.

O Berçário, por exemplo, trabalhou um trecho de música: “Alô Banda de Ipanema”, e os pequenos se fantasiaram usando uma roupa parecida com a vestimenta de uma banda musical. Confeccionaram também a ma-

Os pequenos alunos, fantasiados com típicos acessórios do carioca da Lapa, tocaram e cantaram ao som de diversas músicas que expressam a identidade do Rio de Janeiro





Os alunos do Maternal I confeccionaram maquetes e painéis utilizando materiais como jornais, tecidos, tinta guache e esponja, inspirando-se em famosas músicas sobre o Rio



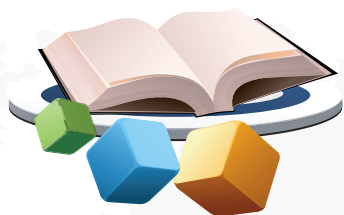
quete do Morro do Pão de Açúcar, com jornal amassado e pintado com guache e esponja. Já o Maternal I trabalhou outro trecho: “Aquele abraço” e caracterizaram-se de Cristo Redentor. Além disso, confeccionaram a miniatura desse ponto turístico, fazendo alusão a essa parte da música e utilizando materiais como tecido e pintura.

A Pré-Escola I trabalhou o trecho que dizia: “velho palhaço”. Os alunos vestiram-se com roupa de palhaço e confeccionaram um cartaz com a técnica de papel picado. Já a Pré-Escola II adotou o trecho “Alô torcida do Flamengo”, com os pequenos aparecendo com os uniformes dos seus respectivos times de futebol.

Alice Sampaio da Silva Rocha, mãe do aluno Bryan Rocha Domingos, do Maternal I, conta que esse foi o primeiro evento do qual ela pôde participar. “Cheguei ao espaço com uma grande expectativa, motivada pelo histórico da instituição, que já era de meu conhecimento. Logo na entrada me deparei com a representação

do Sambódromo do Rio de Janeiro feito em papelão e fiquei maravilhada com a criatividade e ousadia dos profissionais. Em meio aos cenários foram somados exemplos de comidas, músicas e cartazes produzidos manualmente pelos alunos. Sempre pensando, além da beleza do produto final, na qualidade do ensino que está sendo transmitido aos pequenos estudantes. Estão todos de parabéns!”, finaliza a mãe do aluno.

EDI Ludmila Máximo Moreira Cardoso
Rua Pedro Leão Veloso, s/nº – Campo Grande – Rio de Janeiro/RJ
CEP: 23055-130
Tel.: (21) 3403-0777
E-mail: ediludmila@rioeduca.net
Direção: Ana Cristina Moreira
Fotos cedidas pela escola



Agenda do Professor



Benefício
Educação Continuada
ciclo de formação permanente

Palestras e oficinas visando o aprimoramento e a formação continuada do profissional de educação. Palestras presenciais e a distância.



Próximas palestras presenciais

Inteligência Emocional e Afetividade

Data: 29/08/2015 – sábado

Horário: 8h30 às 12h30

Educação Inclusiva: teoria e prática

Data: 17/09/2015 – quinta-feira

Horário: 8h30 às 12h30

Criatividade e Inovação: reinventando a sala de aula

Data: 24/09/2015 – quinta-feira

Horário: 8h30 às 12h30

A Ação Psicopedagógica (necessária) para a Educação do Século XXI

Data: 26/09/2015 – sábado

Horário: 8h30 às 12h30



Mais de 20 cursos a distância com certificação de horas complementares

Inglês básico na prática

Como evitar o estresse e a depressão

Atividade física

Português aplicado

Excel Básico e Intermediário

Passos para potencializar a memória

Dificuldade e Transtornos de Aprendizagem

Avaliação Mapas de Aprendizagem

Entre outros



Termos Integrantes da Oração, primeira parte: os Complementos Verbais

Sandro Gomes*

Amigos, seguindo nossa série de estudos sobre a sintaxe da Língua Portuguesa, hoje vamos começar a conhecer os Termos Integrantes da Oração, que recebem esse nome porque exercem nas sentenças a tarefa de completar o significado de verbos ou nomes, quando estes não possuem significação por si próprios. Podemos dividi-los em três grupos: os Complementos Verbais, o Complemento Nominal e o Agente da Passiva. Em virtude das variantes que apresentam, os Complementos Verbais serão abordados nesta edição.

Complementos Verbais são aqueles que completam o sentido de verbos transitivos. Podem ser:

– **Diretos**, quando completam o sentido de verbos que pedem complemento sem necessidade de preposição.

Exemplo: *Fechei **os olhos** diante daquela cena.*

Em alguns casos, o objeto direto pode ser antecedido por preposição. Veja:

*Louvemos **a Deus** por isso.*

(O objeto é um substantivo próprio.)

*Elogiei **a todos** pelo feito.*

(O objeto é um pronome indefinido.)

*Derrotou **ao opositor** o bravo herói.*

(Nesse caso o objetivo foi evitar ambigüidade)

Obs.: Repare que, nos três exemplos, o verbo da oração pede complemento direto.

– **Indiretos**, quando o complemento tiver de ocorrer através de preposição.

Exemplo: *Enviei uma mensagem **ao professor**.*

Há casos em que a preposição que caracteriza o objeto indireto aparece embutida na figura da crase. Observe:

*Entregaram **àquele aluno** o que lhe era de direito.*

Casos especiais de complementos verbais

– **Objeto (direto ou indireto) Pleonástico** – Ocorre quando, para colocar em destaque um objeto, este é representado por um pronome pessoal. Acompanhe os exemplos:

*Os alunos, eu **os** encontrei na biblioteca.* (objeto direto)

*A todas as crianças, nós **lhes** oferecemos o que comer.*

(objeto indireto)

Obs.: Note que nas duas orações os objetos, que já haviam

aparecido antes, são representados através de pronomes. A repetição de funções ocorre meramente por um objetivo de realçá-las no contexto.

– Objeto direto em verbos intransitivos?

Por mais estranho que possa parecer, há alguns casos em que verbos intransitivos podem exigir um complemento, no caso, de forma direta, tudo dependendo do contexto. Veja.

*Arrependido, **chorou lágrimas de crocodilo** pelo infame ato que praticou.*

– Pronomes oblíquos funcionando como complemento verbal

• Os oblíquos *o, a, os, as*, bem como suas variações (*lo, la, los, las, no, na, nos, nas*) sempre exercem função de objeto direto. Exemplos:

*Achei-**os** no quarto / Muito bom encontrá-**las** aqui.*

• Já os oblíquos *me, te, se, nos, vos* podem tanto aparecer como diretos quanto como indiretos. Nos dois exemplos abaixo, basta substituir os pronomes por substantivos para ficar clara a diferença de transitividade.

*Ele **me viu** no transporte público.*

(ob. direto – Viu *o amigo* no transporte público)

*O doutor **te ligaria** de imediato.*

(ob. indireto – ligaria *para a irmã* de imediato)

Amigos, sobre Complemento Verbal é isso. Na próxima edição vamos publicar a última matéria desta nossa série sobre Função Sintática, trazendo os outros Termos Integrantes da Oração: o Complemento Nominal e o Agente da Passiva. Até a próxima, pessoal!

***Sandro Gomes** é Graduado em Língua Portuguesa e Literaturas Brasileira e Portuguesa, Revisor da Revista Appai Educar, Escritor e mestrando em Literatura Brasileira. Amigo leitor, dúvidas, sugestões e comentários podem ser enviados para a redação da Revista Appai Educar, através do e-mail: redacao@appai.org.br.



Autores mirins



Iniciativa que estimula a leitura e a escrita se transforma em livros

Jéssica Almeida

Com intuito de formar escritores competentes que saibam a função da escrita na sociedade e leitores que leiam muito mais do que as páginas de um livro, a escola Arca Comunidade Educacional, na Vila da Penha, criou o projeto *Aluno autor*, cuja proposta surgiu da necessidade de levar os estudantes a desenvolverem o gosto e o aperfeiçoamento da escrita e da leitura, além de despertar neles o senso crítico, a autonomia, a cooperação e identificar a função da escrita na sociedade como um elemento de comunicação. A ideia nasceu a partir da constatação de que os alunos do Ensino Fundamental apresentavam desinteresse tanto na leitura quanto na produção textual.

O projeto é coordenado por Marcia Pessoa, atual diretora da escola, que o idealizou no ano 2000, quando ainda era professora da 4ª e 5ª séries do Ensino Fundamental. A docente conta que, antes da existência do livro, o movimento de leitura na escola sempre foi muito forte, e em suas antigas turmas havia semanalmente a hora do conto, atividade que

trabalhava a livre expressão e a autoestima dos alunos. “Eram momentos prazerosos. Em dado momento a contação das histórias passava a ser de autoria dos próprios estudantes, daí a ideia de deixar essas criações registradas, para que não fossem perdidas. A iniciativa foi passada para as demais turmas e todos aderiram. Em 2000 lançamos nossa 1ª obra, com direito a uma supermanhã de autógrafos. Foi assim que tudo começou e não paramos mais!”, lembra Marcia.

O projeto, que é permanente na escola e tem crescido a cada ano, é interdisciplinar. Apesar de o “carro-chefe” ser a Língua Portuguesa, ele perpassa por todas as demais matérias. Nos primeiros cinco anos, os alunos produziam textos livres, e uma coletânea desses escritos era arquivada e selecionada para se transformar no livro. Marcia conta que, neste período, apenas o Ensino Fundamental participava do projeto. Cada aluno autor contribuía com um texto e uma ilustração, tudo em preto em branco. “O interessante nesta época era que as obras eram lidas para toda a turma e corrigidas coletivamente, pois



Os pequenos, todos orgulhosos, autografando os livros com textos produzidos por eles

até os grandes autores revisam suas produções. E deu certo, pois, quanto mais seus textos eram valorizados, mais eles produziam. Assim alcançávamos nosso objetivo. Queríamos que escrevessem por prazer e que entendessem a função da escrita”, conta a coordenadora do projeto.

Em 2006, as obras passaram a ser editadas. Produzidas na Fábrica de Livros do Senai, cada turma do 1º ao 5º ano edita o seu próprio trabalho. Ao todo foram seis obras editadas, sendo uma de poesias, de autoria de uma das professoras. Em 2007 os livros “A história do Bairro onde mora a minha escola, Vila da Penha” e “Eu também faço Histórias...” (inspirado no cotidiano escolar) foram lançados na Bienal do Rio. A partir desse momento os alunos da Educação Infantil também começaram a participar do projeto.

Marcia relata que, como um livro já não estava dando conta do volume de produções, foi sugerida a criação de um almanaque em 2009. “Nele poderíamos explorar melhor e utilizar as produções tão ricas, além de oportunizar o diálogo com o leitor, propor atividades, dar dicas e utilizar diferentes gêneros textuais numa única obra”, relembra.

Nos anos seguintes, novas edições do almanaque foram lançadas, com temas que retratavam assuntos da atualidade. Em 2010, por exemplo, o foco foi sustentabilidade. Já em 2014, o tema foi “Atletas de Ouro”, inspirado na Copa do Mundo. De acordo com Marcia, cada autor mirim foi considerado e tratado como um verdadeiro atleta, “que se esforça para alcançar

no pódio o primeiro lugar, seja na produção de um texto, no ensaio de uma música, na elaboração de um desenho, na realização de uma tarefa, enfim, em tudo na vida precisam se portar como um atleta, dando o melhor de si”, afirma a coordenadora. Para 2015, Marcia revela que o projeto está “a todo vapor”. As turmas estão escrevendo histórias para homenagear os 450 anos da cidade do Rio de Janeiro.

O pai do aluno Guilherme Varela relata que achou esse trabalho espetacular. “O projeto só engrandece, incentiva e contribui com o desenvolvimento intelectual dos nossos filhos. É esse tipo de atividade que nos dá a certeza de que nossas crianças estão no lugar certo, e aproveito para agradecer o cuidado que a escola tem com meu filho”, garante. Já a ex-aluna Leticia Menezes conta que o *Aluno autor* foi essencial para o desenvolvimento da sua escrita. “A partir dele, cresceu o meu interesse pela leitura, o que despertou meu senso crítico. Apenas uma fagulha é suficiente para transformar o futuro de uma criança. Eu apoio totalmente esse projeto, pois até hoje vejo os seus frutos”, finaliza.

Arca Comunidade Educacional
Rua Tejuapá, 83 – Vila da Penha – Rio de Janeiro/RJ
CEP: 21221-490
Tel.: (21) 3352-7739
E-mail: arcacomunidade@gmail.com
Diretora: Marcia Pessôa
Fotos cedidas pela escola



Educopédia

Tecnologia *on-line* colabora com o ensino-aprendizagem dos alunos

Para a Secretária Municipal de Educação do Rio de Janeiro, Helena Bomeny (foto), as inovações seriam construídas usando o potencial dos alunos



Uma plataforma *on-line* colaborativa de aulas digitais, onde alunos e professores podem acessar atividades autoexplicativas de forma lúdica e prática, de qualquer lugar e a qualquer hora. Por esta iniciativa os professores da Escola Municipal Professor Helton Álvares Veloso de Castro vestiram a camisa do projeto *Educopédia*, por reconhecerem que esse Recurso Educacional Aberto (REA) pode ser um grande colaborador na aprendizagem e portanto deve estar presente nas salas de aula.

Através de dinâmicas motivacionais, Alexandra Nascimento, professora e coordenadora da iniciativa dentro da instituição, buscou na prática mostrar a importância da *Educopédia*, na qual se pode acessar aprendizado de forma lúdica, obtendo-se domínio sobre as funcionalidades que permitem inovar na atividade com as turmas. As aulas criadas e revisadas por professores da rede municipal de ensino do Rio de Janeiro incluem planos de aula e apresentações voltados para docentes que queiram utilizar esses recursos com os alunos. Cada uma delas possui temas, competências e habilidades contempladas nas orientações curriculares da Secretaria Municipal de Educação, que foram divididas, por ano e por disciplina, em 32 aulas digitais, que correspondem às semanas do ano letivo, retiradas das avaliações e revisões. São trabalhos que incluem vídeos, animações, imagens, tex-

tos, *podcasts*, minitests e jogos, seguindo um roteiro predefinido que obedece as teorias de metacognição. A plataforma visa melhorar a qualidade da experiência educacional, a partir da utilização das novas tecnologias e recentes descobertas da neurociência, para a criação de um modelo pedagógico que melhor responda às demandas das crianças e jovens.

A *Educopédia* é clara, direta e extremamente intuitiva para que alunos e professores possam utilizá-la sem a necessidade de treinamento. A navegação foi pensada para pessoas com qualquer nível de letramento digital. Além de uma opção prática para docentes que desejam integrar novas tecnologias ao seu dia a dia, a plataforma passa a ser mais uma alternativa para estudantes que perderam aulas; que não compreenderam o conteúdo; que precisam de um reforço escolar e também para o desenvolvimento constante e aprofundado de competências e habilidades.

Sobre a turma de professores que aderiram ao projeto na instituição, Alexandra enfatiza: “Com esta equipe não foi difícil atingir o objetivo principal, de ampliar o conhecimento tecnológico para que, dessa maneira, tenhamos autonomia e segurança de escolher a melhor forma de trabalhar com nossos alunos”.

O projeto foi idealizado por Rafael Parente, Subsecretário de Novas Tecnologias Educacionais da Secretaria



A ideia da plataforma é oferecer aulas digitais de forma lúdica e prática, de qualquer lugar e a qualquer hora

Municipal de Educação e realizado com o apoio do Instituto Oi Futuro e da Secretaria de Ensino a Distância do Ministério da Educação. Diversos institutos e empresas também colaboraram para a melhoria da plataforma, como foi o caso da doação dos vídeos do Novo Telecurso pela Fundação Roberto Marinho.

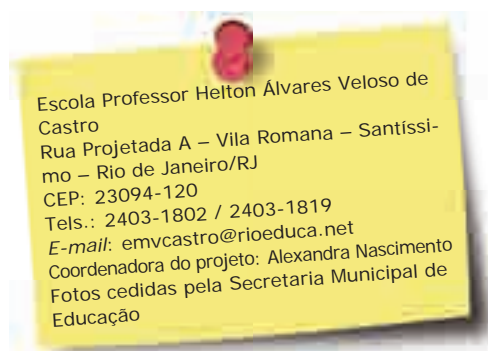
Em um momento de reflexão e estudo, os professores da Escola Professor Héilton foram indagados sobre o que a Educopédia representava para eles. As respostas vieram em pequenos cartazes escritos em *hashtags*: #criatividade #praticidade #estímulo #ludicidade #motivação #transformação #incentivo #imaginação #adaptação #envolvimento #recursosfacilitador #educardivertindo.

Para a Secretária Municipal de Educação do Rio de Janeiro, Helena Bomeny, desde o início do processo de transformação da nossa rede de ensino foi adotado um princípio: as inovações seriam construídas usando-se o potencial e os talentos presentes na própria rede. Assim, a produção de material de apoio ficou por conta de docentes da secretaria que davam aulas num período e trabalhavam nos cadernos pedagógicos no outro. A decisão de adotar um currículo básico para todas as escolas se deu após se identificar, numa pesquisa realizada na instituição, que tanto os alunos quanto os professores demandavam maior uso de tecnologia em sala de aula. “Todas estas inovações exigiram um processo intenso

de capacitação dos educadores para um novo papel, mais centrado na mediação. No ensino de crianças e adolescentes, repassar conteúdos e depois propor uma série de exercícios é algo que simplesmente não funciona mais. Para tanto, capacitamos os professores, já na entrada na rede, antes de concluir o processo seletivo, através de dinâmica de sala de aula, no uso de novas tecnologias, enfatiza Bomeny.

A educopédia é uma plataforma colaborativa e um recurso educacional aberto. Qualquer pessoa pode ter acesso ao conteúdo entrando como visitante. E você também pode sugerir melhorias para as aulas digitais, enviando uma mensagem para educopedia@rioeduca.net. Caso a sua sugestão seja aprovada, o seu nome constará como coautor.

Colaboração: Richard Günter



Mostra de talentos



O intuito era que os alunos fossem estimulados a apresentar os seus talentos

Tony Carvalho

A atividade objetiva dar ao estudante a oportunidade de mostrar o que tem de melhor.

Num mundo em constante mudança, em que a produção do conhecimento e a inovação são indiscutivelmente necessárias para a construção de uma sociedade diferente daquela que conhecemos, o desenvolvimento pleno dos potenciais afigura-se de extrema importância. Uma intervenção educacional que incremente as habilidades cognitivas exige uma avaliação abrangente e dinâmica das múltiplas dimensões que confluem no desenvolvimento pessoal: motora, perceptiva, cognitiva, socioemocional, moral e comportamental. Com o objetivo de dar visibilidade ao potencial artístico dos estudantes, a equipe pedagógica da Escola Municipal Casimiro de Abreu, em São João de Meriti, promoveu uma mostra de talentos. Alunos do primeiro e segundo segmentos do Fundamental realizaram apresentações de danças, cantos, paródias, poesias, desenhos artísticos e atividades circenses.

De acordo com a orientadora educacional Maria José Vieira Rodrigues, o projeto nasceu a partir de uma necessidade de trabalhar e resgatar a autoestima dos alunos. “Temos visto, no dia a dia da escola, a timidez e a dificuldade de comunicação uns com os outros. A atividade objetiva dar ao estudante a oportunidade de mostrar o que tem de melhor. Como educadores, reconhecemos o importante papel de estimular os talentos que cada indivíduo possui, apostando na inovação dos métodos de ensino, na proximidade entre os corpos docente e discente, na aplicação de atividades e avaliações que envolvam o estudante no processo de aprendizagem, para que este não tenha medo de arriscar, criar e inovar, desenvolvendo as suas capacidades. E, principalmente, vendo o aluno não só como um receptor de conhecimento, mas como um ser humano em processo de construção”, declara.

O projeto nasceu durante o grupo de estudos da equipe pedagógica, que elaborou as categorias da mostra. Em seguida, foram feitas as fichas de inscri-

ções e visitas às salas de aula, quando foi explicado como seria a mostra. Os alunos foram estimulados a apresentar os seus talentos, mas a participação ou não ficou a critério de cada um. "As crianças mudaram. A tecnologia faz parte da realidade delas, e a escola já não pode ficar com as mesmas práticas. Aqui a gente está sempre refletindo como a criança tem se desenvolvido cada vez mais rápido, com a habilidade peculiar da idade, que é mais espontânea. O talento fica bem ligado a essa habilidade motora que eles têm. Tentamos conciliar isso com a prática pedagógica", justifica a diretora-geral da escola, Patrícia Melo Calazans.

Os alunos provaram que talento eles têm de sobra. A cada apresentação, o brilho no olhar e o orgulho estampado no rosto das crianças e dos pais presentes eram sinais que denotavam satisfação. Alguns deles demonstraram surpresa ao ver o próprio filho revelando tanta desenvoltura. Enquanto uns soltaram a voz, outros apresentaram coreografias, sozinhos ou em grupos, nos mais variados estilos musicais. Houve ainda aqueles que mostraram as habilidades motoras em sessões de cambalhotas e apresentações circenses, os que declamaram poemas, fizeram *origamis* e os que expuseram belos desenhos.

O professor Bruno Monteiro, do 2º ano, enfatiza que, além da culminância, apresentada na quadra da escola, houve também, durante toda a semana, contação de histórias e atividades denominadas de "O corpo em movimento". Caracterizados com personagens das histórias, ele e a professora Asteca Ramos visitaram cada sala e fizeram com que os alunos mergulhassem no universo imaginário. De forma lúdica, os professores incentivaram a criatividade, estimularam o desenvolvimento do raciocínio e abriram um leque de informações.

"À medida que fazíamos a dramatização, os estudantes interagiam entrando na história como outros personagens. Foi uma proposta gratificante e enriquecedora", conta Bruno.

A professora Luciana Machado, do 4º ano, destaca o papel do educador no processo, observando as habilidades dos seus alunos, estimulando aqueles mais tímidos e os que, com baixa autoestima, não encontravam em si próprios nenhum talento. As professoras Flávia Godoy, do 1º ano; Sayonara Paura, do 4º; e Adriana Pereira Jorge, do 5º, citaram alguns exemplos de crianças que, inicialmente, não queriam participar, mas na última hora decidiram se inscrever e surpreenderam a todos com belas e emocionantes apresentações. "A mostra de talentos foi um momento importante para a equipe pedagógica e, certamente, um marco na vida desses alunos. Essa valorização do nosso olhar tem um significado importante para a formação deles, inclusive emocional, pois eleva a autoestima e faz com que se sintam capazes", finaliza a coordenadora pedagógica Erlei Zimmerle.



Eles realizaram apresentações de danças, cantos, paródias, poesias, desenhos artísticos e atividades circenses



Escola Municipal Casimiro de Abreu
Av. Miguel Couto, 619 – Jardim Sumaré
São João de Meriti/RJ
CEP: 25575-580
Tel.: (21) 2650-3101
E-mail: emcasimirodeabreu@hotmail.com
Direção-geral: Patrícia Melo Calazans
Fotos: Tony Carvalho

Como é que um **limão** e uma **batata** podem acender um **led**?

Essa e outras experiências mostram como a ciência pode ser algo surpreendente


Tony Carvalho

Um carregador de celular à luz solar, uma bicicleta que gera energia, uma lâmpada de lava e uma pilha utilizando limão e batata. Esses foram alguns dos muitos experimentos desenvolvidos pelos alunos do 9º ano, das turmas do Ensino Médio e do Neja do Colégio Estadual Parada Angélica, em Duque de Caxias. Os projetos criados pelos alunos foram apresentados à comunidade escolar durante a Feira de Ciências. Os conceitos abstratos de sala de aula foram colocados em prática pelos estudantes que, com o auxílio dos professores de Ciências, Química, Biologia e Física, mostraram muita criatividade e competência.

A feira foi dividida em duas etapas: nos primeiros três dias os alunos assistiram a palestras abordando temas ligados à saúde e participaram de atividades aeróbicas. Os outros dois dias da semana foram destinados às montagens e apresentações de cada turma. “O principal objetivo da feira é incentivar a ciência e estimular os jovens a pesquisar. Também decidimos focar em temas relacionados à saúde e ao desenvolvimento do aluno. Foi a ocasião em que eles foram passivos. Já no segundo momento, mostraram muita atividade na confecção dos trabalhos produzidos ao longo do semestre. Nos concentramos, basicamente, em água e energia, que são temas que preocupam a todos”, salienta o coordenador do projeto, o professor de Física Leandro Araújo de Lima.

Segundo ele, os estudantes são beneficiados quando os professores explicam conceitos abstratos, como carga elétrica, usando experiências práticas. “Além de ilustrar os princípios científicos de uma maneira que eles possam entender, os experimentos aumentam o nível de interesse na sala de aula por envolver os estudantes e encorajá-los a participar do próprio aprendizado”, completa.

Para a professora de Química Elaine Oliveira, a feira estimulou os alunos a descobrir como os conteúdos de cada disciplina são empregados fora da classe escolar. “A gente, durante as aulas,



O limão tem carga elétrica, mas que sozinha não produz energia. Porém, se colocarmos fios de cobre e zinco, é possível transferir o suficiente para acender um led





convive muito com lousa e pincel. Esses experimentos possibilitam praticar os conhecimentos em atividades do cotidiano que muitas vezes estão em nossa própria casa e nós nem percebemos”, afirma. Divididas em equipes, as cinco turmas do 9º ano destacaram as energias cinética, elástica, química e as produzidas pelas usinas hidrelétricas e termelétricas. Houve equipes que também abordaram a respiração, a fermentação, o aquecimento global e a saúde bucal. A aluna Maria Luiza Antunes e seus colegas apresentaram um experimento sobre energia química que, ao ser transformada em eletricidade, fazia uma hélice girar. A turma 904 mostrou como se dá o fenômeno da fermentação, processo de liberação de energia que ocorre sem a participação do oxigênio.

As sete turmas do 1º ano fizeram experimentos sobre gás hélio, fluorescência, energias solar e eólica, sistema em série e paralelo, estação de tratamento de água e de esgoto, filtração, líquido não newtoniano, dessalinização da água do mar e tratamento e reúso da água. Uma equipe da turma 1.002 desenvolveu uma bicicleta que transforma as pedaladas em energia elétrica. A ideia consiste em adaptar um dínamo ao veículo e, com isso, a energia mecânica produzida pelo ciclista é transformada em energia elétrica. Outra equipe da mesma turma trouxe para a mostra a bobina de Tesla e o globo de plasma.

Já a equipe da aluna Jennyfer Borba, da turma 1.003, realizou um experimento para demonstrar a propriedade condutiva dos elementos. A função do limão e da batata é a de mostrar como os elétrons podem migrar de um metal para o outro. “Eles conseguem conduzir eletricidade, mas sozinhos não produzem energia. Mas, se colocarmos fios de cobre e zinco, eles conseguem transferir energia para acender um *led*”, explica a aluna demonstrando o experimento. Segundo ela, a feira de ciências

da escola foi um propulsor para novos conhecimentos. “Aprendemos muita coisa nova de que, antes, não tínhamos a menor ideia. Certamente, a partir de agora, vamos nos interessar muito mais por estes assuntos”, complementa. “Aprendemos muita coisa nova de que antes não tínhamos a menor ideia. Certamente, a partir de agora, vamos nos interessar muito mais por esses assuntos”, complementa.

As quatro turmas do 2º ano apresentaram trabalhos científicos como o labirinto de água, a lâmpada de lava, a água que pega fogo, o guindaste hidráulico e o gelo instantâneo sem química. As três turmas do 3º ano mostraram experiências sobre fermento biológico, testes de condutividade e demonstrações do DNA animal e vegetal. Os alunos usaram detergente para quebrar a membrana plasmática e tirar o DNA do núcleo celular. “O mais importante da feira é estimular os jovens a pensar e a criar. Em sala de aula, a gente dá a teoria, mas quando o estudante tem a oportunidade de concretizá-la, ele aprende de verdade, pois vê que aquele ensinamento realmente é aplicado no mundo fora da escola. Muitas vezes, eles perguntam para que estão aprendendo determinada matéria, mas quando constroem o próprio conceito, deslancham”, declara a professora de Biologia Marcia Nascimento.

Para a diretora-geral Tamara Rubin, o papel da escola de estimular a vivência fora da sala de aula foi cumprido com louvor. “Uma atividade pedagógica como essa feira de ciências é um momento de concretização dos ensinamentos. Estou há quatro meses na direção e me sinto gratificada pelo envolvimento de professores e alunos. Foi uma semana maravilhosa que revelou o enorme potencial de todos. Aproveitei para destacar o apoio da Seduc e da Regional Metro 5, que divulgaram o nosso projeto e possibilitaram que outras escolas pudessem nos visitar e levar à frente esse intercâmbio”.



Colégio Estadual Parada Angélica
Av. Fernando Figueredo, nº 8 – Parada Angélica – Duque de Caxias/RJ
CEP: 25271-430
Tels.: (21) 2787-1269 / 2787-1624
E-mail: ceparadaangelica@gmail.com
Diretora-geral: Tamara Rubin
Fotos: Tony Carvalho



Em direção à igualdade

Através de temáticas sociais, alunos discutem as ações e reações acerca do combate à desigualdade

Quando falamos em movimentos sociais remetemos nosso pensamento a uma luta pela construção de uma sociedade mais justa, igualitária, a que todo ser humano tem direito. No entanto, há um esforço pela construção de uma nova sociedade a fim de quebrar as barreiras da ignorância, tendo a educação como chave para que esta renovação não seja utópica. O projeto realizado no Colégio Estadual Maria Emilia Amaral Fontoura, em Nova Iguaçu, trouxe exatamente essa alma reflexiva, contribuindo para a conscientização sobre os movimentos sociais em diferentes contextos históricos e culturais de sociabilidade e do conhecimento, no âmbito das práticas sociais e populares.

As diversas temáticas propostas para o seminário realizado no Ensino Médio articularam questões relativas às lutas políticas organizadas para construir os direitos dos cidadãos, tratando a dimensão de cidadania em espaços escolares e não escolares, assim como na saúde coletiva,

nas práticas educativas do campo e da cidade, nas vivências de democracia participativa, nos movimentos de cultura popular, na economia solidária, na educação dos jovens, entre outras experiências e dimensões sociais para a consolidação da democracia. A finalidade do projeto foi combater a desigualdade e a discriminação relacionadas às diferenças, como as financeiras, de gêneros, étnicas, entre outras. A metodologia aplicada visou a ação, a participação, a cooperação e a interação entre uma diversidade de sujeitos.

Toda a escola foi convidada a participar e ver como os próprios alunos desenvolveram as temáticas com o intuito de mostrar o papel e a importância dos movimentos sociais e da cidadania para o desenvolvimento da vida no país. Os grupos confeccionaram cartazes e pesquisas com estatísticas sobre os temas, com o objetivo de apresentá-los em forma de protesto com música e encenação. No total, o seminário contou com oito apresentações realizadas pelos estudantes:



Tema: **Movimento Negro**

(turma: 2.001)

O grupo desenvolveu a temática sobre discriminação racial dentro e fora da escola, mostrando uma estimativa de que o número de mortes entre jovens negros é o dobro do que o que atinge os brancos da mesma faixa etária.



Tema: **Liberdade de Expressão**

(turma: 2.001)

Foi mencionado o direito à livre expressão, sobretudo em relação à política e vida pública, essenciais à democracia e ao desenvolvimento da cidadania.

Tema: **Combate ao Trabalho Infantil**

(turma 2.002)

O grupo levou estatísticas e dados sobre a exploração do trabalho infantil, informando sobre as milhares de crianças que trabalham e que não estão usufruindo de seus direitos, como educação, saúde e lazer.



Tema: **Combate à Intolerância Religiosa**

(turma 2.002)

A turma mostrou casos de intolerância, ofensas e perseguições às diferentes religiões e crenças, ferindo o direito humano à liberdade religiosa.

Tema: **Combate à Fome e à Pobreza**

(turma 2.003)

Foi ressaltada a necessidade urgente de combater a fome, compartilhando informativos de campanhas de solidariedade.





Tema: **Movimento Feminista e Movimento de Mulheres**

(turma 2.003)

O grupo trabalhou a necessidade de lutar por igualdade de gênero em relação a salários, indiscriminação no mercado de trabalho e a não obrigatoriedade do trabalho doméstico.

Tema: **Movimento de Moradia**

(turma 3.002)

O grupo mostrou que moradia é um direito humano e universal.



Tema: **Combate ao Trabalho Escravo**

(turma 3.002)

Os alunos desenvolveram a ideia de que trabalho escravo é aquele realizado de maneira forçada e em condições indignas.

A educação tem o compromisso com a construção da cidadania, na formação de um sujeito voltado para a coletividade e a solidariedade, tendo dois papéis fundamentais: desenvolver as habilidades cognitivas e formar valores humanos, éticos, sociais. Tendo isso em mente, os educandos devem ser capazes de desenvolver relações sociais justas e solidárias. No que diz respeito à escola, ela deve estar voltada para as práticas democráticas, priorizando o desenvolvimento do aluno como cidadão autônomo, promovendo um ambiente favorável às manifestações, de forma que se desenvolvam habilidades e competências essenciais no processo de transformação da realidade, em prol de um mundo melhor. A educação não deve apenas se importar com a formação cognitiva, intelectual, mas também com as questões éticas e críticas.

De acordo com a coordenadora do projeto, Cláudia Regina de Santana, "os alunos adoraram realizar esse trabalho, pois tiveram autonomia e criatividade para desenvolver

os temas. Ficaram satisfeitos e valorizados". É importante destacar que os movimentos sociais têm sido educativos não somente através das lições conscientizadoras, mas pela forma como têm se mobilizado em volta das lutas por melhores condições de vida. Eles ganham cada vez mais importância, à medida que cobram mudanças e reivindicam transformações.

Colaboração: Richard Günter

Colégio Estadual Maria Emilia Amaral Fontoura
Rua Francisco Barone, 490 – Santa Rita
Nova Iguaçu/RJ
CEP: 26050-640
Tel.: (21) 3767-2150
E-mail: cemariaemilia@yahoo.com.br
Coordenadora do projeto: Cláudia Regina de Santana
Fotos cedidas pela escola

Museu Casa de Santos Dumont

“A Encantada”

O Museu Casa de Santos Dumont preserva e divulga a memória do pai da aviação, gênio da engenharia que revolucionou o mundo. Bem tombado em 14 de julho de 1952, a casa foi projetada pelo próprio Alberto Santos Dumont para sua residência de verão na cidade de Petrópolis, sendo construída em 1918 pelo engenheiro Eduardo Pederneiras. Devido à localização, seu criador batizou-a de “A Encantada”. Após sua morte, em 23 de julho de 1932, seus sobrinhos e herdeiros doaram à prefeitura da cidade o imóvel e o prédio dos fundos, com a condição de que ali fosse instalada uma instituição que perpetuasse a memória do inventor. Em 21 de março de 1943, por ocasião do centenário do município, o prefeito Márcio Alves inaugurou o Museu Casa de Santos Dumont, em cerimônia presidida pelo Ministro da Aeronáutica Salgado Filho.

Construída em terreno íngreme na forma de um chalé alpino francês, a casa foi projetada em peça única com três andares e um terraço. No térreo, há um porão que servia de oficina e laboratório. No segundo piso, a sala ampla era destinada às refeições, à biblioteca e ao estúdio, enquanto o acesso ao quarto de dormir e ao banheiro era feito por uma escada quase vertical. Havia também uma porta lateral que se abria para uma ponte com acesso ao alto do terreno, no nível do telhado, feito em folha de flandres, onde se encontrava um mirante para observações astronômicas. Sem cozinha, as refeições eram feitas em um hotel vizinho.

O museu, vinculado à Fundação Petrópolis de Cultura, Esportes e Lazer, recebe, aproximadamente, nove mil pessoas por mês, sendo o segundo mais visitado da cidade. O acervo é composto por livros, luminárias, objetos de porcelana, mobiliário, utensílios, obras raras, fotografias, peças de vestuário e acessórios. No Centro Cultural 14 bis, anexo à Casa, pode ser conferido um curta-metragem sobre o inventor. O espaço oferece acessibilidade para os visitantes com necessidades especiais, tais como maquetes táteis e vídeos com legendas em libras, além de pôsteres em braile. É o primeiro museu do estado do Rio de Janeiro a utilizar diversos meios e tecnologias adequadas para recepção de deficientes físicos, auditivos e visuais, bem como de pessoas idosas ou com dificuldade de locomoção.

Colaboração: Richard Günter

Museu Casa de Santos Dumont
Rua do Encanto, 22 – Centro
Petrópolis/RJ
CEP: 25685-081
Tel.: (24) 3397-0517
Horário: segunda a sexta, das 10 às 16 horas
Visitação guiada, com isenção para escolas municipais e estaduais, de terça a sexta, mediante agendamento.

Soltando a imaginação com a

Sandra Martins

A proposta do projeto foi ultrapassar os limites da sala de aula, através de textos clássicos da literatura infantojuvenil



“**E**studar aqui ficou muito mais bacana. Os professores nos incentivam a produzir, pesquisar e fazer todas as atividades desta festa.” A declaração é da estudante do 3º ano do Ensino Médio do Colégio Estadual Eliza Maria Dutra, Maíra Alves, que, caracterizada de Cinderela, mostrava com orgulho que um conto infantojuvenil é um tema que envolve variados contextos, de questões comportamentais às peculiaridades culinárias de uma dada época, região ou sociedade. A “festa” foi a culminância do projeto pedagógico *Eliza no mundo da imaginação*, que envolveu desde as turmas da 6ª série do Ensino Fundamental até as do Ensino Médio. O colégio está localizado no bairro de Sacramento, em São Gonçalo.

A proposta do projeto bimestral foi ultrapassar os limites da sala de aula com o objetivo de estimular a leitura, a produção textual, o trabalho em grupo, a autoestima dos educandos e, por tabela, de toda a comunidade escolar. E o meio foi apresentar atividades que lhes possibilitassem analisar textos clássicos da

literatura infantojuvenil coletivamente e de forma prazerosa, como uma festa literária comandada pelos próprios estudantes.

Após a discussão do planejamento entre os educadores, estes levaram as propostas para suas turmas para que escolhessem o tema que dá nome ao projeto. Cada turma ficou responsável por um clássico e, com o apoio dos professores, os alunos foram instados a desenvolver uma série de atividades: entendimento do texto literário, contextualização histórica, percepção dos personagens, produção de releituras e de roteiros para esquetes teatrais, definição da ambiência da sala, dos corredores e da quadra da escola, avaliação dos materiais – se reciclados ou não –, caracterizações, produção de degustação e números musicais, entre outros muitos afazeres.

Na Terra do Nunca, as “crianças” capitaneadas por Peter Pan, ou melhor, o professor de Biologia e Química Leo Ferreira, e a turma 2.001 mostravam as camas feitas com garrafas *pet*, produzidas pelos próprios alunos. “Durante dois meses, depois das aulas, nos colocávamos à disposição para ajudar no que fosse possível, mas sempre enfatizando serem

a literatura infantojuvenil

eles os protagonistas de toda a ação. A ideia era que a decoração fosse feita basicamente com material reciclado, buscando sempre o baixo custo”, afirmou o professor, contente pelos jovens terem conseguido atingir este objetivo.

Um dos momentos mais esperados da festa é o concurso, com direito a certificação e muitas fotos e aplausos dos colegas. Entre os premiados, aqueles que se destacaram nas disciplinas durante o bimestre e aquelas turmas que conquistaram os maiores pontos em alguns critérios: ornamentação criativa, harmonia da turma, aparência dos alimentos e caracterização dos alunos.

A sugestão de trabalhar projetos pedagógicos encerrados com festa temática surgiu em 2014 com o tema “Halloween – Dia das Bruxas”. De acordo com Núbia Moreti, professora de Português, que integra um grupo de docentes animadíssimos, os estudantes abraçaram a ideia de imediato. “Essas festas temáticas com direito a premiações para as turmas mais criativas são um verdadeiro sucesso. Todas as classes de 6º ano do Ensino Fundamental até o 3º ano do Ensino Médio participam e dão um verdadeiro *show* de criatividade e dedicação”.

A diretora-geral Lúcia Regina Gomes Gonçalves, impecavelmente vestida de Cleópatra, confirmou que a escola não tinha tradição neste tipo de trabalho, que realmente possibilita agregar afetivamente a comunidade escolar. A repercussão, de acordo com ela, vem ocorrendo ao longo do ano. Não só o rendimento melhorou consideravelmente, mas também o comportamento, o interesse pelas atividades concernentes à comunidade escolar: “Eles estão mais participativos e mais empenhados para mostrarem-se de forma positiva e produtiva, confirma”. Que o diga a estudante Bianca de Oliveira, da turma 904, superanimada, ao afirmar que o colégio saiu da mesmice. “Ficou muito mais interessante, pois levantamos dados, sistematizamos informações, buscamos várias fontes de pesquisas. Muito trabalho, mas tudo muito gostoso”.



Cada turma ficou responsável por um clássico e, com o apoio dos professores, os alunos foram instados a desenvolver diversas atividades



Colégio Estadual Eliza Maria Dutra
Estrada do Sacramento, 475 – Sacramento
– São Gonçalo/RJ
CEP: 24735-075
Tel.: (21) 3119-5943
E-mail: elizamariadr@gmail.com
Diretora-geral: Lúcia Regina Gomes Gonçalves
Fotos: Marcelo Ávila



Preservar saberes e agregar conhecimentos

Alunos apresentam propostas sustentáveis em busca de melhor qualidade de vida

O Dia do Meio Ambiente foi marcante para os alunos do Colégio Estadual Erich Walter Heine. Trabalhos, exposições e música envolveram toda a comunidade escolar, proporcionando grandes reflexões sobre questões importantes dentro da sociedade em que vivemos. Em virtude da Lei nº 9.795/1999 (Política de Educação Ambiental), surgiu a necessidade de mostrar para os jovens que a norma deve ser cumprida e estabelecida, levando cada estudante a rever seus conceitos preestabelecidos. Assim nasceu o projeto *Meio ambiente e desigualdades sociais*, uma atividade que ultrapassou os portões da escola e foi além do currículo, trazendo mais consciência para o dia a dia desses adolescentes, independente da classe econômica.

Segundo a coordenadora pedagógica Regina Paulina, o objetivo do projeto foi promover a escola não só pelo espaço para a educação formal, tal como nos foi apresentada e como conhecemos, mas também como um território de integração de saberes entre a unidade escolar e o seu entorno, visando o desenvolvimento do conceito de sustentabilidade. “Só é

possível falar em meio ambiente equilibrado se os problemas sociais forem tratados conscientemente pelas políticas públicas de valorização do ser humano. Não se pode pensar em proteger o meio ambiente sem investimentos em educação, segurança, saúde, moradia e tantos outros direitos essenciais à qualidade de vida de um povo”, afirma Regina.

Os alunos do 2º ano do curso técnico em Administração se envolveram diretamente com o projeto, desenvolvido pelas áreas de Ciências Humanas e Tecnologia, formadas pelas disciplinas de Ensino Religioso, Filosofia, Geografia, História e Sociologia. Ao todo, foram dois meses de muito trabalho e dedicação. Os jovens usaram bastante a criatividade para expor temas como a crise hídrica, política habitacional, pobreza, desigualdades tecnológicas e sociais, além da vulnerabilidade ambiental.

A aluna Raquel Maria, da turma 2.001, destacou a importância de desenvolver o trabalho sobre a crise de abastecimento de água. Para a estudante, o projeto foi importante para a sua formação e ajudou no aprendizado em grupo, a desenvolver responsabilidades, além de despertar a preocupação com o planeta. “Todos os dias, penso em



Trabalhos, exposições e músicas envolveram a comunidade escolar em prol do meio ambiente



minhas ações e em quais consequências elas poderão ter. Não somente pra mim, mas também para os outros. É claro que a culpa não é somente do povo, mas devemos fazer a nossa parte. Precisamos ter consciência de que, se não tomarmos a atitude correta, todos sofreremos mais tarde. Água é vida, sem ela não somos nada”, refletiu Raquel.

O aluno Antônio Augusto, integrante do grêmio estudantil da escola, ressalta que foi através do projeto *Meio ambiente e desigualdades sociais* que assuntos de extrema relevância para o corpo social foram tratados, de maneira clara, com o intuito de verdadeiramente conscientizar os discentes a respeito do crítico aspecto ambiental e social do mundo contemporâneo. “Essa atividade contribuiu de maneira mais que significativa para formar, não somente em mim, mas em todos os presentes, o perfil de cidadãos cada vez mais questionadores e participativos nas decisões coletivas”, conclui o estudante.

Para a coordenadora pedagógica Regina Paulina, o evento contribuiu para a comunidade escolar despertar o interesse pelos conceitos que permeiam a educação ambiental, tais como a sustentabilidade e a preservação de recursos naturais. “Além de ampliar os conhecimentos sobre o tema, o projeto provocou uma reflexão sobre a necessidade do respeito ao meio ambiente e de ações que contribuam para a manutenção da vida em nosso planeta”. Regina também ressalta a

importância de lutar por uma democracia de fato, que possibilite a estruturação de uma cidadania forte e que propicie a criação de um estado política e economicamente favorável para todos. “Reduzir as desigualdades sociais é o caminho mais curto para se construir um mundo onde a natureza é respeitada”, conclui.

Encontro filosófico marca o encerramento dos trabalhos

O 3ª Café Filosófico marcou o encerramento das atividades do dia. “O capitalismo e as desigualdades sociais” foi o tema dessa edição, que contou com a participação dos professores convidados Sérgio Prestes (História) e Tobias Faria (Educador Popular), além da brilhante participação da aluna do 3º ano Pâmella Ribeiro. A Coordenadora do evento, a docente de Sociologia Neiva Almeida, comemorou o sucesso do trabalho. “Fechamos as atividades, com chave de ouro, refletindo sobre nosso sistema econômico e social, tão perverso, que acentua a disparidade econômica na concentração de riquezas nas mãos de uma pequena parcela da humanidade, e que colabora com a exploração dos nossos recursos naturais, sem limites, e deixa um resultado devastador no meio ambiente visando o lucro”, finaliza orgulhosa a professora.

Colaboração: Leonardo Mega

Colégio Estadual Erich Walter Heine
Rua Manoel Lourenço dos Santos, s/nº
Santa Cruz – Rio de Janeiro/RJ
CEP: 23560-320
Tel.: (21) 2333-7280
E-mail: ceerichwaltherheine@hotmail.com
Fotos cedidas pela escola



Soletrando

Jéssica Almeida

Iniciativa estimula o interesse pela Língua Inglesa através de jogos



“**M**e dedico ao magistério porque amo o que faço e procuro inovar sempre para conquistar meus alunos”. Esse pensamento fez com que a professora de Inglês Patrícia Praia desenvolvesse o projeto *Spelling Bee*, na Escola Municipal Apolônio de Carvalho, em Cosmos, Zona Oeste da cidade do Rio de Janeiro. O intuito do projeto era aumentar o interesse pela Língua Inglesa através de um jogo conhecido como Soletrando, onde o candidato deveria dizer, letra por letra, a forma correta da grafia da palavra escolhida pela banca julgadora.

A docente explica que o *Spelling bee* surgiu a partir da necessidade de incentivar os alunos do 5º e do 6º ano no aprendizado de Língua Inglesa na escola. Em uma capacitação bimestral organizada pela LF Educacional – editora dos livros utilizados no ensino de Inglês nas escolas municipais do Rio de Janeiro – a dinamizadora Andrea Fernandes descreveu sua experiência como juíza desse jogo realizado na E. M. Dalila Tavares e organizado pelo professor Cleverson Maia. “Achamos a ideia maravilhosa e por isso apresentamos à direção de nossa escola, que nos deu total apoio”, relata Patrícia.

Além de estimular o interesse pela Língua Inglesa, o projeto tinha como objetivo fixar o alfabeto no idioma, alargar o conhecimento oral, desenvolver a competitividade saudável e ampliar a percepção auditiva. Os alunos interessados em participar do Soletrando deveriam se inscrever e a partir disso receberiam a lista das palavras. A professora ressalta que o alfabeto e a pronúncia das palavras foram trabalhados durante as aulas com toda a turma. Uma semana antes da culminância os candidatos participaram de uma seleção, na qual foram avaliados por duas professoras de inglês convidadas, Débora Suzano e Myla Clara.



A competição foi iniciada com o sorteio dos nomes dos alunos, que caminhavam até o tablado, e depois a banca sorteava a palavra a ser soletrada



A diretora-geral, a coordenadora, os docentes de Inglês da Unidade Escolar e a professora convidada formaram a mesa julgadora da competição

Dos 60 alunos inscritos, apenas 28 passaram para a fase final. A culminância do projeto aconteceu no auditório da Unidade Escolar. A diretora-geral Neusa Sampaio, a coordenadora Adriana Barbosa, os docentes de Inglês da Unidade Escolar Patrícia Praia e Diego Oliveira e a professora convidada Myla Clara formaram a mesa.

A competição foi iniciada com o sorteio dos nomes dos alunos, que caminhavam até o tablado. Depois a banca sor-

teava a palavra a ser soletrada e, cada rodada, aumentava o nível de dificuldade. Os alunos podiam pedir para repetir a palavra uma vez, bem como saber o seu significado. A cada acerto, a euforia da plateia e, a cada erro, o choro dos participantes, que eram consolados pela professora Patrícia no camarim. "A disputa entre os três finalistas foi acirrada, pois os alunos estavam muito bem preparados. Foi uma ótima experiência para os estudantes e um incentivo nas aulas de Inglês", lembra Patrícia.

Os vencedores da competição foram os alunos Camile Nicole, da turma 1.601 (1º lugar), Pedro Batista, da 1.501 (2º lugar), e Fernanda Alves, da 1.503 (3º lugar). A jovem-Fernanda afirmou que foi algo de extrema importância participar do projeto. "No dia fiquei nervosa. Mas isso foi bom porque senti que cresci e quero estar presente do próximo", afirma. Já Pedro garante que achou legal porque aprendeu um pouco mais de Inglês. A vencedora Camile relatou que quando soube do projeto pensou: "Eu vou ganhar, pois estudo muito as letras do alfabeto e conto com o apoio da minha família. Como todos os outros participantes, fiquei nervosa, mas aprendi a me esforçar para alcançar o que quero. E isso valeu muito a pena!", relatou.

De acordo com a professora Patrícia, o projeto foi o primeiro nessa dimensão e envolveu toda a escola. Para 2015, os docentes pretendem dar continuidade à atividade. "Uma vez que temos uma proposta da professora e dinamizadora da LF Educacional de participarmos de um soletrando entre escolas da rede", finaliza a docente.



Escola Municipal Apolônio de Carvalho
 Rua Projetada 09 s/nº – Vila do Céu
 Cosmos – Rio de Janeiro/RJ
 CEP: 23060-550
 Tel.: (21) 3292-0520
 E-mail: emacarvalho@rioeduca.net
 Fotos cedidas pela escola



Basket Beat

Projeto reconhecido internacionalmente promove dinâmica socioeducacional unindo música e esporte

Josep Maria Aragay Borrás é educador social e musicoterapeuta especializado na comunidade das artes. Atualmente trabalha com projetos de Educação Sem Fronteiras

Pique, passar, corrida, tiro, repercussão, encaçapada, queda, chorar. Estes sons são característicos de uma quadra de basquete, seja no jogo entre dois times profissionais ou em um amistoso entre amigos. Além de ação e drama, o basquetebol é marcado, acima de tudo, pelo som. Em busca de transformação social através da música, a Escola Municipal Chile – Ginásio Experimental do Samba recebeu o professor espanhol Josep Maria Aragay Borrás, o idealizador do projeto reconhecido internacionalmente, intitulado *Basket Beat*, que tem o objetivo de trabalhar, em áreas vulneráveis à violência, o aprendizado musical através de ritmos executados com bolas de basquete.

A metodologia desenvolvida por Josep é uma valiosa ferramenta para incentivar o trabalho em equipe, como escutar o outro, compreender a dinâmica do grupo, melhorar a observação, analisar, desenvolver a autopercepção e treinar a coordenação motora dos alunos. A atividade destina-se principalmente a jovens que praticam esporte, visando aproveitar a habilidade e a paixão pelo basquete para capacitá-los a ingressar em uma experiência musical diferenciada.

O professor espanhol concebeu o programa em 2010 em Barcelona quando liderou um projeto socioeducativo de desenvolvimento comunitário, em que a formação musical tornou-se experiência para as crianças, que receberam a atividade gratuitamente. “O objetivo não era apenas o



desenvolvimento como músicos e atletas, mas também o crescimento como indivíduos, para promover a harmonia da comunidade e aumentar a participação da vizinhança no território”, disse Josep.

Um grupo selecionado de alunos participou de uma oficina com 2 horas de duração e ao final apresentou à escola o que foi aprendido: frases rítmicas executadas com as bolas. “Foram enormes os aprendizados, desde respeito, organização, disciplina, aplicação dos conceitos assimilados nas aulas de música da escola até a necessidade de se aplicar na execução e ainda receber todas as noções em um outro idioma”, relata Eliete Vasconcelos Gonçalves, professora e coordenadora musical da instituição.

A atividade realizada em espanhol foi também favorável para o desenvolvimento do idioma, que é estudado na escola. Os alunos tiveram a oportunidade de ouvi-lo e se relacionar com uma segunda língua através do projeto. A professora de espanhol, Bárbara Miranda, traduzia as falas quando necessário. Também participaram do evento as equipes de docentes de Educação Física e Música, responsáveis pelo enfoque interdisciplinar.

Após 3 anos de trabalho em Barcelona, o projeto foi apresentado em vários outros países como Inglaterra, França, África do Sul, Colômbia, Uruguai, Peru, Estados Unidos, Canadá e Holanda. A escolha desta modalidade para a música e sons estava implícita na prática deste esporte, que é bastante popular na Espanha. “São coisas de classificação como pique e bola e estrutura em conceitos musicais. Essa prática me ajudou a evoluir como um educador e ficar em contato com jovens de diferentes realidades sociais de todo o mundo”, explica Josep. A coordenadora do projeto ressalta: “A possibilidade de fazê-los experimentar uma atividade musical com outra proposta sonora que une o esporte e a música foi uma chance única. Fiquei muito feliz em poder lhes proporcionar isso através da oficina do Josep com o *Basket Beat*. Por todos estes motivos, concluo que receber o projeto no Ginásio Carioca do Samba foi extremamente gratificante tanto para mim como para todos os nossos professores, contentes pela possibilidade de avaliar nossos alunos e nos avaliar na transmissão do conhecimento musical”, diz Eliete.

Colaboração: Richard Günter



Os alunos participaram de uma oficina com 2 horas de duração e ao final apresentaram à escola frases rítmicas executadas com as bolas de basquete

Escola Municipal Chile – Ginásio Experimental do Samba
Praça Belmonte, 15 – Olaria – Rio de Janeiro/RJ
CEP: 21073-010
Tels.: (21) 3885-2181 / 3885-2352
E-mail: emchile@rioeduca.net
Coordenadora do projeto: Eliete Vasconcelos Gonçalves
Fotos cedidas pela escola

Aula de Física? Então... Vamos Filosofar?



O evento também contou com a participação dos professores de Física e Filosofia, que realizaram palestras sobre temas envolvendo as disciplinas

Sandra Martins

O nascimento da Filosofia na Grécia no século VI a.C. foi um momento histórico importante, o início da utilização da razão para explicar os fenômenos físicos observados e não mais do mito. Ainda que não tenha ocorrido uma ruptura total com este recurso, tratou-se de uma mudança que trouxe novas perspectivas para o homem. Alguns pensadores se destacaram em torno da chamada Escola Jônica e são considerados os primeiros filósofos naturais, que buscavam explicar os fenômenos a partir de um princípio fundamental, que para Tales era a água; para Anaximandro, o *oapeiron* (o ilimitado); para Anaxímenes, o ar; e para Heráclito, o fogo. De acordo com a professora Adriana Bernardes, coordenadora do projeto *Filosofia na sala de aula de Física*, naquele momento surgiram as primeiras ideias conhecidas como “cosmogonias”, que buscavam explicar o que era o universo.

Refletindo sobre esse momento histórico no qual convergem noções precursoras da Física e o início da Filosofia na Grécia, a professora decidiu levar esses conhecimentos para a sala de aula de Física e apresentar ao aluno, não apenas modelos que explicam o cosmos, mas também como ocorreu uma mudança radical na forma de pensar do homem. “A troca do mito pela razão, que desencadeou futuramente o nascimento da ciência moderna”, afirma.



No 1º ano do Ensino Médio, segundo o Currículo Mínimo Estadual de Física (que a professora Adriana ajudou a elaborar), o conteúdo a ser tratado é Astronomia, onde é abordada, entre outros temas, a cosmologia, a partir de uma visão histórico-filosófica. De acordo com a docente, foi assim que o projeto despontou, no Colégio Estadual Canadá, de Nova Friburgo, região serrana do Rio de Janeiro, numa atividade que envolve, de maneira interdisciplinar, as disciplinas de Física e de Filosofia.

Adriana afirma que o desenvolvimento deste projeto na escola foi muito importante para que os alunos tivessem uma visão da Física mais abrangente, buscando suas origens na Grécia Antiga através dos primeiros filósofos naturais. "Os alunos tiveram uma excelente oportunidade para discutir um pouco dessa disciplina e o contexto histórico das primeiras ideias cosmológicas que foram formuladas".

O professor César Lapa, um dos colaboradores da I Semana de Física do Proemi, afirmou que o projeto estimula não só a pesquisa e o protagonismo, mas que motiva o aluno ao gosto pela investigação e pelo questionamento da realidade que o cerca. Já o docente de Filosofia Enock Peixoto ressaltou que o benefício para o estudante está relacionado com sua possibilidade de elaboração de uma visão de mundo mais próxima da realidade que se vive na atualidade. "Um projeto interdisciplinar ajuda os discentes a enxergarem perspectivas diferenciadas sobre um mesmo tema, e ainda a possibilidade de perceber que muitas vezes as diferenças entre as áreas de conhecimento não são tão abissais".

Para a diretora-geral do colégio, Rebecca Emerich, o projeto vem sendo realizado na unidade de ensino com sucesso, e a conjugação entre as disciplinas no Proemi, Ensino Médio integral, tem possibilitado um maior envolvimento de professores e alunos em temas atuais como a cosmologia, por exemplo, o que faz com que toda a comunidade ganhe em termos de conhecimento. Ela afirma que eventos como a "Semana de Física do Proemi" enriquecem a escola e propiciam uma nova visão dos alunos sobre suas possibilidades de aprendizado.

O curso implantado no Colégio Estadual Canadá é realizado em tempo integral, oferecendo aos alunos laboratório

e disciplinas diferenciadas com o objetivo de que sejam trabalhados aspectos socioafetivos. Em sala de aula os estudantes se utilizam de textos, nos quais podem discutir questões, como "O mito e a Filosofia", "O surgimento da Filosofia na Grécia Antiga", "As escolas Jônica e Pitagórica" e o "Modelo cosmológico de Filolau", um filósofo pitagórico, cujo trabalho influenciou outros que foram elaborados posteriormente. Após a atividade realizada com textos, os alunos elaboraram cartazes e realizaram apresentações orais sobre o tema, quando então tiveram a oportunidade de expressar-se e discutir.

Dois eventos foram realizados na escola, na I Semana de Física do Proemi: a exposição de pôsteres "Das Cosmologias Antigas ao Universo Eterno", que aborda historicamente desde o nascimento da Filosofia na Grécia até a última teoria cosmológica da atualidade, que contou, além da exposição em si, com a participação dos alunos, protagonizando as atividades, apresentando e discutindo ideias de filósofos e cientistas. O evento também contou com a participação dos professores de Física e Filosofia, que realizaram palestras sobre temas envolvendo as disciplinas. No outro evento, a exposição "Paisagens Cósmicas, foram abordados os mitos vinculados aos nomes de planetas e discutidos conceitos de Astronomia, em uma abordagem interdisciplinar com a Filosofia.

Adriana Bernardes salienta que a atividade realizada desse modo foi muito importante por reunir disciplinas que normalmente não são relacionadas pelos professores. "O trabalho conjunto pode contribuir muitíssimo para o processo de ensino e aprendizagem do aluno e, principalmente, mostrar as possibilidades de aprendizado, quando se atua conjuntamente, permitindo ao discente melhor contextualização das matérias e entendimento de ideias importantes", concluiu.

Colégio Estadual Canadá
Rua Jardel Holtz, s/nº - Olaria
Nova Friburgo/RJ
CEP: 28621-130
Tel.: (22) 3016-0180
E-mail: adrianabernardes@bol.com.br
Coordenadora: Adriana Bernardes
Fotos cedidas pela escola

É mais que saber ler e escrever

Letramento compreende tanto a apropriação das técnicas para a alfabetização quanto o convívio e hábito de utilização da leitura e da escrita

O objetivo do projeto foi tornar a aprendizagem mais prazerosa e ampliar o repertório da criança

Jéssica Almeida

Com intuito de promover a formação de leitores nas séries iniciais, a professora Lidiane Gomes de Oliveira desenvolveu um projeto em uma turma de 3º ano do Ensino Fundamental da Escola Municipal Professora Maria de Cerqueira e Silva, no bairro de Manguinhos. Tendo como base a proposta de letramento literário trazida pelo autor Rildo Cosson, foram desenvolvidas atividades a partir da leitura de obras de Ana Maria Machado.

O ponto de partida para o desenvolvimento deste trabalho se deu quando em uma leitura do texto “O rato roeu a roupa” (adaptado de texto da autora), na apostila de atividades fornecida pela Prefeitura do Rio de Janeiro, uma aluna fez a observação: “Esta moça escreve muitos livros”. Em seguida, os colegas da turma começaram a comentar que na sala de aula havia muita coisa da autora. Citaram o texto “Menina bonita do laço de fita” e assim foi observado o interesse que naquele momento surgia pelas diferentes obras de Ana Maria.

Para execução do projeto, os alunos participaram de diversas atividades. A primeira delas foi a busca dos exemplares, na sala de aula, sala de leitura, entre os próprios alunos e até mesmo com os professores. Depois disso, cada estudante escolheu o livro que mais lhe interessou, e todos deveriam desenhar a cena que mais gostaram ou se identificaram e apontar de qual obra havia sido retirado aquele material. Eles também criaram fantoches com os personagens que tinham desenhado. As produções das crianças foram expostas num aramado para a turma visualizar e as interpretações serem compartilhadas.

A docente conta que os estudantes sugeriram ir às outras turmas e ler os livros que tinham sido escolhidos, mas ficou decidido que deveriam explicar o motivo da opção e por que estavam lendo aquela obra e aquela autora, já que desejavam compartilhar suas leituras com outros estudantes. Com isso, eles confeccionaram coletivamente um convite para ser entregue a cada uma das turmas e a direção da escola, para que pudessem comparecer no dia e horário marcado. A culminância do projeto aconteceu no auditório da instituição, reunindo as turmas de 3º ano. “Somente essas, porque o lugar não comportava a escola toda, e por opção resolvemos chamar aquelas com que os alunos tinham mais afinidade”, explica Lidiane.

O objetivo do projeto foi tornar a aprendizagem mais significativa e prazerosa, e também ampliar o repertório da criança. A atividade serviu também para promover a discussão das leituras, interpretações e exposição da opinião dos alunos. A professora conta que foram observados momentos interessantes de abordagens individuais e coletivas, onde cada aluno demonstrou sua preferência por determinada obra da autora. “O que facilitava as proposições de atividades, já que houve identificação da turma com os títulos analisados. Desta forma, com as leituras realizadas e trabalhos desenvolvidos, os estudantes que apresentaram



Cada estudante escolheu o livro que mais lhe interessou, e todos deveriam desenhar a cena que mais gostaram

suas produções a outras turmas do mesmo ano de escolaridade puderam demonstrar mais uma vez a apropriação que fizeram do tema trabalhado”, explica Lidiane.

Segundo ela, formar leitores é algo sem fim, pois o processo educacional não se pode dar por acabado. “Pensando nesta afirmação, tomei para mim o desafio de repensar minhas práticas, no que venho realizando e propondo em sala de aula, em relação ao incentivo e à valorização da literatura. Procuo pensar sempre no contexto de que, ao formar alunos leitores, terei que pensar no letramento literário como forma de ampliar conceitos, vivências, modos de vida social e formação de sujeitos críticos, que possam constituir uma comunidade de leitores não só dentro da escola, mas também fora do ambiente educacional. É fundamental que possam levar para suas vidas o gosto e o hábito de ler. Crescendo gradualmente como leitor e ampliando seus horizontes”, finaliza.

Escola Municipal Professora Maria de Cerqueira e Silva
Rua Leopoldo Bulhões, 800 – Manguinhos
Rio de Janeiro/RJ
CEP: 20911-300
Tels.: (21) 3878-1487 / 3878-1481
E-mail: emmariac@rioeduca.net
Fotos cedidas pela escola



Amigo Cuidador

Iniciativa visa estimular nos alunos a solidariedade

Jéssica Almeida

Com a finalidade de contribuir com o processo de adaptação dos novos e dos antigos alunos, a Escola Salesiana São José, em Campinas, criou o projeto *Amigo Cuidador*, uma proposta voltada para os estudantes do Ensino Fundamental I. A ideia é que eles se conhecessem mais rapidamente e também pudessem ajudar a professora nos momentos de organização e deslocamento do grupo para as atividades de rotina, as quais ocorriam fora da sala de aula.

Idealizado pela coordenadora pedagógica do Ensino Fundamental I Denise Mickaloskey, o projeto teve início em 2012, apenas com as turmas do 2º ano. Escolhido pela professora, cada aluno é convidado a cuidar de um colega. A ideia é que o cuidador observe se o amigo tem com quem lanchar, brincar ou se ele sabe se deslocar nas estruturas do colégio, encontrando o que precisa. Devido aos bons resultados com os alunos do 2º ano, observou-se que seria possível e interessante que todos os estudantes participassem. Por isso, em 2013 o projeto foi desenvolvido também com as turmas do 3º ao 5º ano.

A coordenadora ressalta que os alunos são estimulados a ter um olhar para o outro, independentemente do grau de afinidade ou amizade que tenham. "Trata-se de reconhecer que precisamos e queremos ser acolhidos e bem tratados, então também praticamos ações de receptividade e gentileza com os demais", explica.

Para Denise o projeto vem alcançando o objetivo inicial. "Mas ainda é possível obter resultados mais efetivos, pois a cultura do amigo cuidador está se constituindo gradativamente. As professoras mudam as estratégias para reavivar a prática, como por exemplo: amigo cuidador oculto; amigo cuidador sorteado; amigo cuidador escolhido. No amigo



cuidador oculto, após um período de duas ou três semanas praticando os cuidados, cada criança diz para sua turma quem ela acha que está tratando dele”, relata a coordenadora. Além disso, há periodicamente uma conversa com os alunos. Neste troca-troca cada um expressa sua satisfação ou não e as expectativas com os cuidados recebidos.

Mariana dos Santos, estudante do 5º ano, conta que gosta do *Amigo cuidador* porque conhece melhor os colegas e se enturma mais com todos da sala. “Podemos praticar boas ações, convidando os amigos para brincar, lanche e ficar juntos”, garante Marina. Já a estudante Isadora Barbieri, também do 5º ano, afirma que as meninas, às vezes, não gostam de brincar com os meninos. “Mas com as atividades lúdicas do projeto, acabamos nos aproximando deles e fazendo mais amizades”, finaliza.



A ideia do projeto é que o cuidador observe se o amigo tem com quem lanche, brincar, encontrando o que precisa



Escola Salesiana São José
Av. Almeida Garret, 267 – Jd. Nossa
Senhora Auxiliadora – Campinas/SP
CEP: 13087-290
Tel.: (19) 3744-3000
E-mail: sjinforma@essj.com.br
Fotos cedidas pela escola



Animação em sala de aula: Rio 450 anos



Professores utilizam-se de uma série de elementos midiáticos e enriquecem o processo de ensino-aprendizagem

Sandra Martins

Uma conta difícil de fechar no campo da educação é aquela que tem entre suas parcelas conteúdo programático, informação, prazer, utilidade, novidade, motivação, reconhecimento, satisfação individual e coletiva. É, de fato, um somatório desejado por todos, e que um grupo de professores conquistou quando desenvolveu o projeto *Animação em sala de aula: Rio 450 anos*, realizado em uma turma do 5º ano do Ciep Lauro de Oliveira, da 7ª Coordenadoria Regional de Educação (CRE) de Jacarepaguá. Ah, é bom acrescentar a esta operação outros dois componentes fundamentais: recursos tecnológicos e troca de conhecimentos entre docentes e discentes.

A proposta nasceu da equipe de professores mestrandos do Programa de Mestrado Profissional em Práticas da Educação Básica do Colégio Pedro II, Alexandre Alvim, Elizabeth Paes e Mayara Nespoli. Eles elaboraram um projeto interdisciplinar que valorizava a memória dos discentes sobre a cidade do Rio de Janeiro e que utilizava o gênero textual canção associado à técnica de animação como um recurso pedagógico. O resultado pretendido, amplamente conquistado, seria contribuir para que os educandos tivessem uma nova experiência com o conteúdo. Os jovens conseguiram compreender não só o gênero textual como matéria escolar, mas como prática social de leitura e escrita. O vídeo foi totalmente criado pelos alunos do 5º ano do Ensino Fundamental com a mediação dos professores.

Para Mayara, as TDICs – Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação – possibilitam ao docente o enriquecimento de sua prática pedagógica e permitem ao aluno um aprendizado instigante e prazeroso: “Não há como desconsiderar a avassaladora influência das novas tecnologias no cotidiano dos educandos. Daí que temos de lidar com elas transformando-as em uma série de elementos que compõem o processo de ensino-aprendizagem. Uma escola do século XIX, um professor do século XX e um discente do século XXI. Esse foi o desafio que nossos pesquisadores tentaram analisar e sobre o qual nossa equipe buscou refletir neste projeto”.

Não há como desconsiderar a avassaladora influência das novas tecnologias no cotidiano dos educandos.



De forma coletiva, os alunos produziram a animação acrescentando suas ideias a partir de interpretações e experiências de cada um

Alexandre reforça o argumento afirmando que aproveitaram a familiaridade que os estudantes têm com os filmes de animação e o encantamento que exercem sobre os jovens, unindo-os com seu potencial educacional, para propor seu uso como estratégia didática. No seu entendimento, esta seria uma forma de promover uma prática diferenciada e motivadora, onde a participação coletiva seria priorizada e cada um poderia acrescentar sua visão do todo, a partir das suas interpretações e experiências, de modo a promover a construção e apropriação de novos conhecimentos. Para isso, usaram, de forma interdisciplinar, o tema gerador – os 450 anos da cidade do Rio de Janeiro. “Tivemos muito cuidado para não cair na mesmice de caminhos já conhecidos”.

Elizabeth observou que, ao discutirem o projeto, eles analisaram como a maioria das propostas lida com o uso da tecnologia informacional na educação, com uma visão tradicionalista, que reforça a fragmentação do conhecimento e, conseqüentemente, da prática pedagógica. “Programas visualmente agradáveis, bonitos e até criativos podem continuar representando o paradigma instrucionista ao colocar no recurso tecnológico uma série de informações a serem repassadas ao estudante. Dessa forma, continuamos preservando e expandindo a velha forma como fomos educados, sem refletir sobre o significado de uma nova prática pedagógica que utilize esses novos instrumentos”, pontuou Elizabeth. A preocupação do grupo centrou-se numa prática



Através da técnica Flipbook, os alunos utilizaram uma folha dobrada e enrolada num lápis que, levada de um lado para outro, revelava o movimento das imagens

inovadora, que utilizasse a tecnologia como instrumental para tornar os alunos críticos, reflexivos e investigadores contínuos em suas áreas de atuação.

Definido como um projeto de “animação”, a próxima etapa foi a escolha da técnica, que recaiu sobre a *stop motion* – utilização de objetos concretos sendo fotografados e movidos continuamente. As fotografias são editadas em um programa apropriado, gerando assim a ideia de movimento. Esta técnica não difere substancialmente das feitas nas animações tradicionais, a não ser pelo fato de que, ao invés de desenhos, são usados majoritariamente objetos na realização das animações em *stop motion*.

Metodologia – Os encontros aconteceram em dois tempos de aula semanais ao longo de um mês. No primeiro, houve exposição de diversas animações e suas diferentes técnicas – como *flipbook* e *stop motion*. A partir de um exemplo encontrado na Internet, os alunos foram instigados a praticar um exercício com tema livre, para o qual utilizaram uma folha dobrada e enrolada num lápis que, levada de um lado para outro, escondia e revelava um desenho sobre o outro, dando uma ideia bem simples de movimento. Num segundo exercício, os jovens usaram o quadro branco.

Um dos alunos, reconhecido por todos como o desenhista da turma, foi “eleito” para fazer as ilustrações no quadro. O tema da animação, escolhido por ele, foi um menino soltando pipa. A figura consistia na movimentação do braço do menino e, conseqüentemente, da pipa. Enquanto os desenhos eram feitos, outros alunos se alternavam na função de fotografar, com uma câmera digital e um tripé, as cenas que eram criadas.

Ao término desta etapa, a turma via as imagens capturadas pela câmera em sequência, e percebeu-se assim toda a movimentação dos desenhos ali mesmo, na telinha. “Eles tinham feito sua primeira animação e se mostraram bastante empolgados. As ideias para a ‘animação real’ começaram então a surgir. Sugerimos que eles levassem, para o nosso próximo encontro, desenhos (já relacionados ao tema) realizados por eles mesmos numa folha de papel”, disse Elizabeth. Ela salientou que os adolescentes eram incentivados a criar livremente, inspirados na própria visão que tinham da cidade, ou poderiam, alternativamente, basear os desenhos em imagens pesquisadas em revistas ou na Internet.

No segundo encontro, foram recolhidos os desenhos a serem digitalizados visando uma exposição que a própria turma escolheria para usar na animação. Com o projetor da sala, a equipe colocou as figuras no próprio quadro branco. E, com isso, a turma ficou encantada com o que foi criado pelos próprios colegas. De acordo com Mayara, essa reação foi fundamental para que surgisse a proposta do método que emprega-



Enquanto os desenhos eram feitos, outros alunos se alternavam na função de fotografar as figuras que eram criadas, com uma câmera digital e um tripé



O projeto interdisciplinar valorizou a memória dos alunos sobre a cidade do Rio de Janeiro, que tem por objetivo comemorar os seus 450 anos

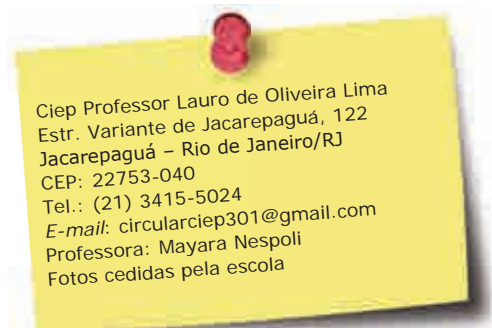
riam no trabalho. Os desenhos seriam projetados diretamente no quadro branco, e essas imagens serviriam como base gráfica, em cujas linhas os alunos preencheriam utilizando pincéis. Além de agilizar o processo, essa ideia permitiria que, mesmo quem não era autor do desenho projetado, pudesse participar da sua confecção no quadro, democratizando dessa forma a execução da animação. O resultado foi que toda a turma pôde colaborar nos desenhos.

Este momento foi importante, afirma Alexandre, pois eles já estavam prontos para executar a animação. Tinham construído coletivamente a técnica necessária para a realização do produto final e agora era hora de porem mãos à obra. O educador salienta que a esta altura os jovens já se sentiam autônomos no projeto, atingindo um dos objetivos da proposta, considerando que sua concepção visava um mínimo de diretividade. Os alunos se organizaram e definiram quem operaria o computador que estava ligado ao projetor, quem ficaria responsável por fotografar as figuras, quem faria os desenhos no quadro e ainda os elementos a serem animados em cada cena.

Como ocorre em qualquer situação e com quaisquer funções profissionais, os erros e dificuldades acontecem durante o processo. O revezamento de alunos no quadro e na operação da câmera possibilitava que alguém esbarrasse no tripé e a tirasse da posição, o que implicava alteração do enquadramento do desenho e perda da cena. Sem ajuda dos professores, os estudantes tiveram que encontrar sua própria solução: alguém sugeriu que se marcasse a posição

de cada um dos pés do tripé com corretivo líquido. Outro problema superado foi a fotografia dos desenhos: a projeção não poderia aparecer nas fotos. A solução sugerida foi desligar o aparelho a cada fotografia; entretanto, ao religá-lo, há um período de reaquecimento da lâmpada, o que torna o processo demorado. A saída foi bloquear a imagem usando um pedaço de papelão proveniente de uma caixa descartada.

Satisfeitos com o resultado obtido, a equipe de professores afirmou que todo o processo foi realizado de forma democrática e prazerosa. O trabalho envolveu desde a elaboração da construção de uma história, roteiro, consciência da sequência de outras questões normalmente ausentes de uma sala de aula, resolução de problemas em conjunto, o despertar do senso crítico e estético, até a hegemonia de um padrão. Esta primeira iniciativa, de muitas que certamente virão, pode ser acessada no *link*: <http://youtu.be/Iv0tLwcaXik>.




Ciep Professor Lauro de Oliveira Lima
Estr. Variante de Jacarepaguá, 122
Jacarepaguá - Rio de Janeiro/RJ
CEP: 22753-040
Tel.: (21) 3415-5024
E-mail: circularciep301@gmail.com
Professora: Mayara Nespoli
Fotos cedidas pela escola



Uma forma particular de se situar no mundo

O autismo atinge 2 milhões de pessoas no Brasil e 70 milhões no mundo

Jéssica Almeida



A ausência de medo frente a perigos reais, tendência ao isolamento e à indiferença, apresenta movimentos repetitivos e sem sentido – tais como balançar o tronco ou as mãos –, apego a objetos estranhos. Esses são alguns dos comportamentos de um portador de autismo, transtorno que atinge duas milhões de pessoas no Brasil, cerca de 1% da população, segundo dados da Organização das Nações Unidas (ONU). No mundo, a entidade estima algo em torno de 70 milhões de autistas.

O autismo é um distúrbio neurológico caracterizado por comprometimento da interação social, comunicação verbal e não verbal e comportamento restrito e repetitivo. Os pais costumam notar sinais nos dois primeiros anos de vida infantil. Os sinais geralmente avançam gradualmente, mas algumas crianças com autismo alcançam o marco de um desenvolvimento em ritmo normal e depois regredem.

As causas do autismo ainda são desconhecidas, mas a pesquisa na área é cada vez mais intensa. Provavelmente, há uma combinação de fatores que levam ao transtorno. Sabe-se que a genética e agentes externos desempenham um papel-chave nas causas da doença. De acordo com a Associação Médica Americana, as chances de uma criança desenvolver autismo por causa da herança genética é de 50%, enquanto que a outra metade dos casos pode corresponder a determinantes que dizem respeito ao ambiente, chamados de fatores exógenos.

Além dos comportamentos citados no início do texto, o autista normalmente age como se fosse surdo, gira objetos incansavelmente, apresenta ausência da fala, evita olhar nos olhos, não se interessa por outras crianças, rejeita o contato físico, tem hiperatividade acentuada ou apatia, não brinca de forma adequada, não usa os objetos com as funções que eles possuem, toma as pessoas como ferramenta, apresenta risos e choros fora de contexto, apego à rotina, entre outras coisas.

O autismo ainda não tem cura, mas existem tratamentos, que envolvem a criança, a família e os profissionais, sendo indicado começar o mais cedo possível. Os objetivos do programa são traçados de acordo com as dificuldades e habilidades da criança, e é levada em conta a fase de desenvolvimento em que se apresenta. Existem alguns métodos de intervenção para o tratamento do autismo, entre eles a Análise do Comportamento Aplicada (ABA), que é utilizada para reduzir os comportamentos excessivos relacionados ao autismo, visando a construção de um repertório que se sustente em ambientes variados, com diferentes pessoas, gerando inclusão social, escolar e profissional para o portador.

Além dela, o Treinamento e Ensino de Crianças com Autismo e Outras Dificuldades de Comunicação Relacionadas (TEACCH) oferece técnicas de organização, estruturação, repetições e treinamento, para que a criança possa compreender as atividades diárias com mais facilidade e ter reações apropriadas. Esse tipo de tratamento geralmente é praticado em uma sala de aula, mas também pode ser feito em casa. Os pais trabalham com os profissionais como coterapeutas para que

as técnicas possam ter continuidade no ambiente doméstico. É usado por psicólogos, professores de educação especial, fonoaudiólogos e profissionais devidamente treinados.

O Sistema de Comunicação por Troca de Figuras (Pecs – *Picture Exchange Communication System*) também pode auxiliar no tratamento. Ele é um tipo de ensino que permite à criança com pouca ou nenhuma habilidade verbal comunicar-se usando figuras. Pode ser empregado em casa, na sala de aula ou em vários outros ambientes. Um terapeuta, professor, pai ou mãe ajuda a criança a construir vocabulário e articular os desejos, observações ou sentimentos utilizando as imagens sistematicamente.

A terapia fonoaudiológica abrange uma série de técnicas e desafios para crianças com autismo, visando coordenar a mecânica da fala com o significado e o valor social da linguagem. Dependendo da aptidão verbal do indivíduo, o objetivo pode ser o domínio da língua falada ou o aprendizado de sinais e gestos. Em cada caso, a meta é ajudar a pessoa a aprender a comunicar-se de forma útil e funcional.

Já a Terapia Ocupacional (TO) trabalha habilidades cognitivas, físicas e motoras. O propósito é ajudar a pessoa a se tornar funcional e independente. Para uma criança com autismo, o foco podem ser as habilidades de brincar e aprender, assim como certas qualidades básicas para atividades de vida diária, como saber se vestir, se alimentar, se arrumar e usar o banheiro de forma independente, melhorando assim as possibilidades sociais, motoras e de percepção visual.

“O autismo atinge duas milhões de pessoas no Brasil, cerca de 1% da população, segundo dados da Organização das Nações Unidas (ONU). No mundo, a entidade estima algo em torno de 70 milhões de autistas.”





A Fisioterapia se concentra em qualquer problema do movimento que cause limitações funcionais. Crianças com autismo muitas vezes têm dificuldades motoras, tais como dificuldades para sentar, andar, correr e pular. Por isso, também pode tratar a falta de tônus muscular, o equilíbrio e a coordenação. Já o acompanhamento psicopedagógico ajuda a desenvolver certos recursos, instrumentalizando com técnicas que facilitem o aprendizado, investindo no potencial (habilidades) encontrado.

Junto com esses tratamentos, o apoio tecnológico do computador, *videogame*, *tablet* e até mesmo dos novos modelos de telefone celular é um grande aliado no tratamento do autismo. Grande parte dessas crianças gosta de estímulos visuais. Para que o computador seja utilizado em terapia a criança deverá ter um ambiente propício ao seu uso, como um ambiente organizado e regras estabelecidas com a terapeuta.

Mais atenção aos autistas

Em Itaboraí, a Clínica-escola do Autista é a primeira do país a oferecer tratamento multidisciplinar e acompanhamento pedagógico gratuitos a portadores de todas as idades. Fisioterapeutas, neuropediatras, assistentes sociais, oficina de convivência familiar e professoras capacitadas em autismo compõem o time multidisciplinar, conforme manda

a lei. Inaugurada em 2014, a instituição atende todas as faixas etárias, crianças, jovens e adultos.

A diretora-geral Valéria Sales dos Santos e a Coordenadora Especialista em Educação Especial Gisele Soares Rodrigues explicam que o trabalho na clínica-escola é multidisciplinar e os atendimentos terapêuticos são individuais, bem como as aulas. “Nosso maior diferencial é que os serviços oferecidos são públicos e de qualidade. Também enfatizamos a importância dos autistas seguirem uma dieta sem glúten e caseína para que o tratamento seja mais proveitoso. Na parte pedagógica contamos com professoras, direção, coordenação, todos altamente capacitados”, garantem.

Atualmente, a clínica-escola atende a 107 pessoas e conta com a direção médica do neuropediatra Mauro Lins, reconhecido internacionalmente e uma das maiores autoridades em autismo no Brasil. A instituição funciona de segunda a sexta-feira, das 7:30 às 18:00h.

Clínica-Escola do Autista
Rua Comandante Ary Parreiras, 327
Venda das Pedras – Itaboraí/RJ
CEP: 24804-772
Tel.: (21) 3637-3747
E-mail: ceautista.itaboraai@gamil.com
Diretora-geral: Valéria Sales dos Santos



Café COM LETRAS

A culminância do projeto teve como título "Café com letras" e foi realizada no auditório da escola, com a presença de pais, professores, direção e alunos das turmas do Proemi

A cada encontro um novo conto

A leitura se faz presente em nossas vidas desde o momento em que começamos a compreender o mundo à nossa volta. Ela está relacionada a muitas de nossas atividades rotineiras, como fazer compras ou ter uma informação através de um pequeno bilhete. O ato de ler é uma das atividades mais importantes para a construção de novas aprendizagens, pois possibilita o fortalecimento de ideias e ações, permitindo ampliar e adquirir novos conhecimentos gerais e específicos. Com o intuito de desenvolver no aluno o interesse pela leitura, o Ciep Brizolão 451 – Elisa Antonia Rainho Dias, em Itaboraí, realizou o projeto *A cada encontro um novo conto*, que tornou a biblioteca um dos locais mais artísticos e de socialização da instituição.

O projeto foi desenvolvido pelas agentes de leitura Gisele Guilhermina de Souza Santos e Jussara da Silva Vianna, em parceria com a professora de Língua Portuguesa Tais

Silva, após um debate sobre a necessidade de criar atividades que pudessem apresentar, a outros alunos que não frequentavam a biblioteca, a leitura como algo prazeroso e importante para o desenvolvimento intelectual. A metodologia aplicada pelas coordenadoras teve como objetivo promover três etapas: 1) Executar o potencial imaginativo e a criatividade, através da construção de textos por meio de imagens; 2) Estimular a prática da leitura entre os alunos e comunidade, a fim de desenvolver seres capazes de interagir com o ambiente social; 3) Despertar no corpo discente o interesse por temas ligados ao seu cotidiano, de forma a expressarem suas ideias e seus achados. Tão logo o projeto foi colocado em prática, os participantes foram desafiados a ler um conto e depois criar a sua própria história.

Durante o primeiro encontro na biblioteca, que a partir desse momento já anunciava maior circulação de alunos, cada grupo recebeu um livro mudo em palavras, porém rico

Cada aluno escreve sua história de forma criativa, conforme a sua imaginação, tendo um livro rico em imagens como base de inspiração

em possibilidades de exploração, criação e literatura, que cada grupo manuseou e se encarregou de fazer a leitura. Após esse momento inicial, cada um escreveu a sua história de forma criativa conforme a sua imaginação. No final dessa etapa foram recolhidos os livros e as histórias escritas pelos grupos. No segundo encontro, os títulos das obras foram trocados e o processo ocorreu da mesma forma. Cada grupo escreveu novamente a história a partir das impressões provocadas pelas imagens. E mais uma vez as novas obras dos alunos foram recolhidas. Já no terceiro encontro foram lidas, por dois voluntários de cada grupo, as duas histórias que cada grupo escreveu. Enfim, os trabalhos foram exibidos pelos estudantes no auditório da escola, onde os grupos fizeram a exibição do material para toda a instituição.

A temática do projeto foi escolhida para que se pudesse trabalhar com vários gêneros de textos, abrangendo assim uma gama de possibilidades. Nessa primeira atividade os livros escolhidos foram: "Quando Maria encontrou João", de Rui de Oliveira, e "O voo da asa branca", de Rogério Soud, obras que aguçaram a criatividade dos alunos na intenção de que produzissem um texto baseado nas imagens, mas também na sua própria bagagem. As alunas da turma 3.001 do Proemi (Programa Ensino Médio Inovador) Ana Carolina Sodré Gomes da Silva, Anether Araujo Gomes, Jheniffer Coutinho de Oliveira, Kalila da Silva Mendes, Maiara Silva de Carvalho e Suellen Rodrigues da Cunha buscaram inspiração nas músicas de Luiz Gonzaga, que foram cantaroladas na biblioteca, para estimular na criação de um poema, já que o livro sugeria temas ligados ao sertão. "Zé Severino no sertão, andava com o pé no chão. No horizonte a procurar algo escondido para encontrar. A morte vive a me esperá. Andando pelo sertão, procurando um grão, e um feijão pra me alimentá", dizem alguns trechos do texto criado pelas colegas.

Para Gisele Guilhermina, os objetivos iniciais foram atingidos e a partir do projeto conseguiu-se que as alunas da turma 3.001 se dispusessem a ajudar na organização da biblioteca, deixando-a ainda mais agradável aos olhos e atraente para a leitura. "O mais interessante nessa parceria foi trazer a nós o perfil jovem do corpo discente como uma ponte de ligação. Assim conseguimos uma maior aproximação com os alunos", ratifica.

A culminância do projeto teve como título "Café com letras" e foi realizado no auditório da escola, com a presença de pais, professores, direção e alunos das turmas do Programa Ensino Médio Inovador. O pastor e escritor Izael Teixeira realizou uma palestra sobre a importância da leitura na formação do cidadão, dando uma injeção de ânimo e mostrando aos alunos que sua base escolar iniciou-se também em uma instituição pública, deixando claro o valor



primordial da escola e do hábito de ler. Após a palestra, foi lida a mensagem "História do Lápis" pela agente de leitura Gisele Guilhermina, encerrando a cerimônia.

Os educadores têm em suas mãos uma rica ferramenta que pode proporcionar o desenvolvimento intelectual e pessoal de seus alunos, mas é preciso dar condições para que eles adquiram hábitos de leitura espontânea, pelo simples prazer de viver essa estimulante experiência. De acordo com a diretora adjunta Adriana Tomé, o projeto terá continuidade na instituição.

Colaboração: Richard Günter

CIEP Brizolão 451 – Elisa Antonia Rainho Dias
Rua Augusta de Jesus, s/nº – João Caetano/Itambi – Itaboraí/RJ
CEP: 28866-636
Tel.: (21) 2736-4110
E-mail: ciep451@yahoo.com.br
Coordenadoras do projeto: Gisele Guilhermina de Souza Santos, Jussara da Silva Vianna e Tais Silva
Diretora adjunta: Adriana Tomé
Fotos cedidas pela escola

Retirante de João Cabral de Melo Neto domina XIV Festival de Poesias


Sandra Martins

A seca, a miséria, a dor da morte anunciada, a busca da sobrevivência longe do mundo conhecido foram questões retratadas pelo poeta e diplomata João Cabral de Melo Neto em sua obra, em especial, na poesia de “Morte e Vida Severina”. Autor, universo, personagem, foram apresentados no XIV Festival de Poesia do Externato Santo Antônio, localizado no bairro de Trindade, no município de São Gonçalo.

A entrada da quadra de esportes foi delicadamente ambientada para que os pais e responsáveis pudessem ter um primeiro entendimento do espetáculo que os esperava. Dona Rosa Maria Bruno, diretora do ESA, na recepção, convidava pequenos grupos do público a apreciar a apresentação de cordel da turma 901, que prenunciava o que iriam ver da qualidade das pesquisas realizadas e do empenho de todas as turmas do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental. Em seguida as pessoas eram deslocadas para o auditório enquanto outro grupo assistia a *performance*.

O projeto, capitaneado pelas professoras de português Kezia Machado e Graça Maria Santos, contou com a colaboração da disciplina de Geografia, com a titular Maria Augusta Baptista Quintanilha. “No rol das parcerias”, conta Kezia animada com a qualidade dos trabalhos apresentados e o esforço dos estudantes, “não podemos esquecer o suporte de Fátima, professora de História, sempre nos auxiliando com alguma informação, algum dado, alguma orientação.”

A proposta do festival foi a de apresentar um personagem da literatura brasileira, estudar densamente sua biografia, conhecer a obra e o estilo, elencar aqueles que mais tiveram impacto social, tudo demonstrado pelos discentes em diversas linguagens – poesia, música, dramatização, ambientação. Toda a pesquisa desenvolvida pelos alunos e suas formas de apresentação serão analisadas por uma comissão julgadora composta por professores da casa, que terão entre os critérios de julgamento a originalidade, qualidade da pesquisa, interpretação, texto autoral. Todos esses itens se repetem por cada categoria, neste caso por série – do 6º ao 9º ano. Os alunos que optam por escrever poemas ou contos têm suas produções analisadas e as seis melhores, por série, são representadas nas peças. Nova seleção é feita e dela são tiradas as vencedoras por categoria, incluindo os intérpretes, já que um aluno poderá ler a poesia do colega.



A proposta do festival foi apresentar um personagem da literatura brasileira, através de poesia, música, dramatização e ambientação



Conforme as apresentações aconteciam, os jurados faziam suas anotações e os dados eram recolhidos e computados

Conteúdos – De acordo com Kezia, cada série trabalhou um aspecto da literatura de João Cabral. Assim, as lembranças da infância foram desenvolvidas pelas turmas do 6º ano; as várias maneiras de amar foram demonstradas, por meio do cordel, pelas turmas do 8º; já as do 7º debateram os problemas sociais, como a fome, a miséria, a aridez no sertão, em elementos essencialmente poéticos, capturando-os em toda a sua essência, tal como feito pelo escritor em “Morte e Vida Severina”; as rimas do cordel do 9º ano contavam a história de Severino, um retirante que foge da seca e que, em sua trajetória, só encontra miséria e mortes anunciadas através da fome.

A interdisciplinaridade com a Geografia permitiu que o tema tivesse abordagens bastante dinâmicas. Maria Augusta Baptista Quintanilha utilizou-se de elementos consagrados da cultura e da história para adensar discussões de extrema emergência, como a da imigração que ocorre no mundo globalizado. Ela propôs analogias entre as músicas e as intenções do retirante. Com “Asa Branca” (de Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira) ele parte e somente retorna se voltar a chover; em “Último Pau de Arara” (João do Valle, José Cândido, Luiz Gonzaga, Venâncio, Guio de Moraes, J. Guimarães e Corumba), o viajante faz de tudo para não sair da terra que ama e



na qual deseja ficar; e com “Peguei um Ita no Norte” (Dorival Caymmi) o sofrimento e a desesperança fazem o sujeito capitular e ele decide que vai e nunca mais voltará.

Foram trabalhados certos movimentos, como a emigração, imigração, transumância (migração periódica), êxodo rural e inchaço urbano. Também foi densamente discutida a migração pendular: fluxo diário de indivíduos de uma localidade para outra, ou melhor, de cidades dormitórios para os grandes municípios buscando emprego, educação, saúde. Um aspecto destacado por Maria Augusta trata da relação entre o êxodo rural e a migração pendular: os indivíduos saem do campo em busca de melhoria de vida, mas muitos não possuem capital para se estabelecer nas grandes cidades, ficando em seu entorno (periferia) e com isso causando o inchaço das áreas empobrecidas.

Estes debates foram levados para a prova. Com a cartografia foram traçadas rotas migratórias em busca de melhores condições de vida, enquanto outra questão dizia respeito ao conteúdo



A diretora convocava os premiados por categoria com seus pais, para que recebessem o reconhecimento do público e posassem para as fotos



dos grandes períodos de êxodo rural em que os estudantes tinham que definir os tipos de movimento migratório. Para isso foram usados três textos explorando o assunto.

Concurso – Conforme as apresentações aconteciam, os jurados faziam suas anotações e, a cada intervalo entre uma série e outra, os dados eram recolhidos e computados. Dona Rosa, ao agradecer o empenho das docentes, fez uma menção especial a uma ex-aluna e atual regente de turma e da coordenação do projeto, a professora Kezia.

Em meio a salva de palmas e muita torcida organizada, paulatinamente, a diretora convocava os premiados por categoria com seus pais, para que recebessem o reconhecimento do público e posassem para as fotos. Entre elas, a família Possati, cujas filhas gêmeas Ana Luiza e Ana Carolina, do 9º ano, foram premiadas, respectivamente, com o primeiro e o segundo lugares. As meninas não cabiam em si de felicidade por verem os frutos do próprio empenho, mas também pelo desenvolvimento do seu grupo, pois sua amiga Mayara Assis conquistou o terceiro lugar, enquanto o troféu de melhor intérprete foi para Júlia Rangel, com o poema de Ana Carolina “Moinhos de Vento”.



Externato Santo Antonio
Av. São Paulo, 502 – Trindade
São Gonçalo/RJ
CEP: 24456-210
Tel.: (21) 2701-2748
E-mail: keziar.souza5@gmail.com
Coordenadoras do projeto: Kezia Mendonça
e Graça Maria Santos
Fotos: Marcelo Ávila



A internet e os idosos

Especialista dá dicas de como se proteger na rede

Jéssica Almeida



A população mais idosa acessa cada vez mais a internet. De acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), de 2005 a 2011, aumentou em 222,3% o número de brasileiros com 50 anos ou mais de idade que entram na grande rede. Apesar disso, há uma outra parcela da população idosa que não a utiliza regularmente, muitas vezes por não saber como acessar. Segundo o especialista em tecnologia Franklin Araújo, a maior dificuldade apontada por pessoas nessa faixa etária na hora de utilizar a internet é em relação à exposição de informações em redes sociais e acessos bancários, e também em como efetuar tais procedimentos (confira no box abaixo algumas dicas de como se proteger). “Isso também pode ser resolvido através de *workshops* específicos para determinada dificuldade ou cursos básicos focados apenas na internet”, afirma o especialista.

- 1ª** – Considere que você está em um local público, onde tudo que você divulga pode ser lido ou acessado por qualquer pessoa.
- 2ª** – Use as opções de privacidade oferecidas pelos sites e seja o mais restrito possível.
- 3ª** – Limite o acesso ao seu endereço de *e-mail*.
- 4ª** – Seja seletivo ao aceitar seus contatos.
- 5ª** – Não acredite em tudo que você lê.

De acordo com ele, esses cuidados protegem principalmente contra a invasão de privacidade e do perfil, o uso inadequado de informações, danos à imagem e à reputação. “Além disso, o ideal também é, ao acessar *sites* que requeiram o uso de senhas, se certificar de ter encerrado a sessão. Deve-se usar a opção de ‘sair’ ou ‘logout’, pois isto evita que suas informações sejam mantidas no navegador”, finaliza o especialista.



Idealizado pelo professor Carlos Alberto Barbosa, o projeto foi realizado com os alunos do 8º ano

Iniciativa visa estudar os textos de autores brasileiros de forma lúdica

Jéssica Almeida

Considerado por muitos o mais influente poeta brasileiro do século XX, Carlos Drummond de Andrade foi tema do projeto *Degustação Literária – Café com Drummond* desenvolvido na Unidade de Ensino em Santa Teresa (Unisantia), localizada no centro do Rio de Janeiro. O objetivo era estudar os textos de autores nacionais de forma lúdica e com a participação ativa dos alunos nas aulas de Literatura e Redação.

Idealizado pelo professor Carlos Alberto Barbosa, o projeto foi realizado com os alunos do 8º ano. “Criei a atividade a partir do perfil da turma e no momento em que percebi a dificuldade de alguns alunos, principalmente na expressão oral, escrita, compreensão dos gêneros textuais e contextualização das obras, levando-os ao desinteresse durante as aulas”, afirma o educador.

Segundo ele, o autor Carlos Drummond de Andrade foi escolhido por ter uma vasta obra – que compreende crônicas, contos e poesias –, o que faz com que tenham oportunidade de trabalhar os diversos gêneros. “Os textos foram escolhidos e distribuídos por mim. Optei por balancear as produções com maior densidade, como as crônicas, devido ao poder histórico, com a leveza dos poemas e contos”, explica Carlos.

Com isso, as poesias foram debatidas e esmiuçadas durante os encontros antes de serem entregues individualmente aos alunos. O professor de Literatura e de Redação conta que durante as aulas, e principalmente nos ensaios, observou um maior interesse e, acima de tudo, a participação ativa daqueles que antes se mostravam desmotivados. “Houve um processo contínuo e descontraído de leitura e reprodução através de quadrinhos, cartazes e caricaturas, que foram espalhados pela sala”, lembra.

O trabalho foi elaborado em seis aulas e durante os encontros foram estudados a biografia, as crônicas, os contos e os poemas do autor e contextualizados através de rodas de leitura e debates.



Após os estudos, elas foram distribuídas entre os alunos. A forma da apresentação foi discutida durante as aulas, com todos podendo opinar.

A culminância do projeto foi realizada no final do primeiro semestre. O aluno Caio Roberto abriu a apresentação com a biografia de Carlos Drummond de Andrade e com a leitura do poema "Sete Faces". Já a estudante Maria Laura musicalizou o poema "Eu, etiqueta" e declamou-o com o auxílio de um violão, em um número solo e depois com os colegas de turma. "Esse momento em particular emocionou a todos", lembra o professor.

Ana Beatriz, que interpretou a crônica "Dias Escuros", conta que foi uma ótima experiência, pois aprendeu sobre vários gêneros. O professor Carlos e a aluna Maria Laura fizeram a leitura da obra "Quando". "Essa experiência despertou um prazer em participar. E só aumentou o meu amor pela poesia. É uma experiência que levarei para a vida toda", afirma a estudante.

A aluna Clara Gadony, que declamou "Quadrilha", também achou a atividade muito interessante, pois ajudou todos os estudantes a obterem conhecimento. "Trabalhei bastante para conseguir fazer com que essa experiência ficasse marcada profundamente. Isso não tem preço, agregou cultura e aprendizagem", destaca a aluna.

O professor ressalta que foi um grande café da manhã recheado pelas criações ímpares de Drummond. "A intenção é que em cada bimestre eles possam estudar as obras de um autor brasileiro, explorando-as de diversas formas. O desenvolvimento de atividades lúdicas em sala de aula é essencial para tornar o espaço pedagógico mais interativo e atraente, facilitando o processo de aprendizagem", finaliza.

Unisanta – Unidade de Ensino em Santa Teresa
Rua do Oriente, 59 – Santa Teresa
Rio de Janeiro/RJ
CEP: 20240-130
Tel.: (21) 2224-4520
E-mail: escolaunisanta@hotmail.com
Professor responsável: Carlos Alberto Barbosa
Fotos cedidas pela escola



Os estudantes fizeram a leitura e musicalização de poemas do autor Carlos Drummond de Andrade



Robótica educacional no reforço escolar

Sandra Martins

- É um robô cachorrinho! Ele vai me pegar...
- Não, Katlen, não vai não. É só pôr a mãozinha aberta na frente do robô que ele mudará a direção. Veja, ele foi para o lado de Marya Luiza.
- Ih! Olha. Ele veio pra mim!

Este foi o primeiro contato de crianças do primeiro ano do Ensino Fundamental com a robótica educacional, propiciado pelo professor Eurico Cesar Vieira, da Escola Municipal Otelo de Souza Reis, na localidade de Antares, no bairro de Santa Cruz, Zona Oeste do Rio de Janeiro. Sentados em roda, os pequenos esperavam ansiosos que o robô fosse até eles para que pudessem, em meio a risos, “espantá-lo” para outra direção.

Os pequenos da turma 1.101 ficaram tão animados com eles, em especial com o Zoomer, que a professora Jane Pimentel tinha que estar atenta já que todos queriam gritar comandos para que ele obedecesse. O cão robô possui diversos sensores de som e infravermelho que permitem a sua interação, lançando o rabo e expressando emoções com os

olhos, além de compreender 30 comandos diferentes, como sentar, deitar, rolar, dar a patinha, entre outros. Ao receber a ordem de “morto”, Zoomer deitou com as patinhas para cima e com um X nos olhos. O professor Eurico alertou às crianças para este fato, o que fez a alegria de todos ali presentes. “Tia, parece um cachorro de verdade”, disse uma delas.

A robótica educacional é uma metodologia de ensino que agrega investigação e materialização dos conceitos aprendidos no conteúdo curricular e a ciência que estuda a montagem e a programação de robôs. Ou seja, junta teoria e prática estimulando diversos conceitos, como autonomia, autodesenvolvimento, trabalho em equipe, capacidade de solucionar problemas, senso crítico, integração de disciplinas, etc. Como matéria, a robótica educacional tem como objetivo preparar jovens e adultos para montar mecanismos robotizados simples baseados em kits de montagem que fornecerão noções dessa ciência, possibilitando o desenvolvimento de habilidades em montagem e programação de robôs.

Os kits são disponibilizados para cada série, tendo material necessário para a montagem de equipamentos variados que permitem a construção de modelos que representam



O professor explica que o robô vai escolher uma letra para cada criança e esta terá de ir até o quadro escrever uma palavra com aquele início



objetos do mundo real como, por exemplo, veículos de transporte, moradias, eletrodomésticos, brinquedos, entre outros, dependendo da série. Entretanto, o autodidata Eurico Vieira afirma que este material é muito caro, cerca de R\$ 1.000 a R\$ 1.200. "Uma escola deveria ter, no mínimo, cinco kits, o que certamente seria inviável. São peças pequenas, teria que haver reposição. Então decidi que poderia fazer diferente. Resolvi montar o robô e trazê-lo para apresentar às crianças".

A diretora-geral Marília Russel disse que o criativo educador é antigo conhecido na instituição, onde foi estagiário quando cursava Geografia e integrou o Programa Mais Educação. Neste período, Eurico, que mora na mesma região em que se localiza a escola, aproveitou a oportunidade e apresentou à coordenadora do programa, professora Rosane Nunes, a proposta de usar a robótica educacional nas aulas de reforço escolar do primeiro segmento da Educação Fundamental.

A proposta do educador, com formação técnica em telecomunicações e eletrônica, abrange duas aulas por mês com os robôs atuando como auxiliares, estimulando os estudantes durante as atividades. Inicialmente, há uma apresentação da robótica aos alunos sentados em círculo. Eles aprendem o primeiro passo para interagir com o equipamento: ao colocar as mãos na frente dos olhos do robô, ele desvia e segue outro caminho. Após este primeiro contato, podem surgir várias atividades em sala, onde são trabalhados conceitos básicos da educação regular de acordo com a faixa etária e o nível escolar. Na Educação Infantil desenvolvem-se a interação e a socialização, trabalha-se a atenção, o raciocínio lógico, a atividade em equipe e a coordenação motora.

No tocante às aulas de reforço escolar de Língua Portuguesa, o professor Eurico coloca na frente das crianças uma fila de cartelas de EVA cada uma com uma letra de forma e outra cursiva. E diz que o robô vai escolher uma letra para cada criança, e aquela que estiver na frente terá de ir até o quadro escrever uma palavra com aquele início. Se forem duas crianças com duas letras então poderão fazer uma frase ou mesmo começar uma história.

A mesma dinâmica se dá nas aulas de Matemática. As cartelas têm sinais de adição, subtração, igual e números. O robô indica as cartelas, as crianças fazem as contas e elas mesmas indicam se a conta está correta ou não. Claro que com a ajuda do professor e do robô. O aprendizado se torna mais gostoso e divertido.

Para Eurico Vieira, o aperfeiçoamento não para nunca. Ele está sempre pesquisando na internet as novidades sobre a aplicação da robótica na educação: "Os robôs precisam ser bem tratados e alimentados. Eles têm que ser constantemente analisados, reparados, pois apresentam *leg* (defeito)". Como ocorreu quando o educador apresentou o robô para as crianças, e o protótipo andou e parou várias vezes. "Era fome", disse, ao rapidamente identificar o problema. Então, trocou as pilhas do equipamento, que voltou a fazer a alegria da garotada. "O importante", disse Eurico, "é incentivar nossas crianças a ter prazer em estudar".

Escola Municipal Otelo de Souza Reis
Av. Antares, s/nº – Antares – Santa Cruz
Rio de Janeiro/RJ
CEP: 23510-360
Tel.: (21) 3354-9090
E-mail: emoteloreis@rioeduca.net
Coordenador: Professor Eurico César Vieira
Fotos cedidas pela escola

Espaços de Leitura

Projeto que visa a transformação social gera novos leitores

Com o objetivo de contribuir para a diminuição do analfabetismo funcional e incentivar ao letramento, a Appai participa, juntamente com a Ação da Cidadania, do projeto *Espaços de Leitura*, que desperta a consciência crítica de crianças, jovens e adultos, moradores de bolsões de pobreza, gerando futuros leitores. A iniciativa propõe levar o livro de forma lúdica para que faça parte do universo de um segmento de pessoas que vivem em condições de extrema pobreza no estado do Rio de Janeiro. Em diversas localidades é no Espaço de Leitura que a criança tem contato com o livro de forma divertida, e neste lugar ela tem oportunidade de ouvir e contar histórias, estimulando sua imaginação e criatividade, aperfeiçoando sua escrita e leitura. O programa dá visibilidade às ações educativas e culturais da comunidade, num evento que acontece com a formação de parcerias, evidenciando as ações dos comitês que neste dia denunciam a necessidade do combate ao analfabetismo funcional. Participam crianças, jovens e adultos de diferentes faixas etárias atendidas pelos coordenadores dos comitês dessas localidades.

Gerado no momento em que a Ação da Cidadania deixou de arrecadar alimentos, passando a acompanhar as políticas públicas conquistadas através de campanha natalina e toda mobilização nacional em torno do tema da fome, ocorreu a mudança de paradigma quando educação e cultura passaram a ser vistos como instrumentos fundamentais para a conquista

da cidadania e transformação social. Aconteceu em 2006, com a Campanha Natal Sem Fome dos Sonhos (com a arrecadação de livros e criação das bibliotecas móveis: os Espaços de Leitura) e com a implementação do Centro Cultural Ação da Cidadania, situado na região portuária do Rio de Janeiro. A partir de 2010 começaram as oficinas de capacitação para realização de atividades, nestes espaços que recebiam os livros da campanha. Em 2014, o projeto foi contemplado com seu primeiro edital, com a expectativa de fortalecer e melhorar a qualidade das atividades realizadas nesses locais. Desde então, diversos comitês da Ação seguem realizando iniciativas de incentivo à leitura em suas comunidades.

Atualmente, o evento acontece em espaços fixos e itinerantes, em bairros como Anchieta, Santa Cruz, Campo Grande, Engenho de Dentro, Tijuca (Salgueiro), Ramos, Maré, Marechal Hermes, Ilha do Governador (Bancários), Olaria (Alemão), Padre Miguel, Bangu, Jacarepaguá, Benfica, Sepetiba e Paciência. Para este ano, a proposta é que a iniciativa possa atender aos comitês que realizam atividades de estímulo à leitura em outros municípios como: Nova Iguaçu, Duque de Caxias, Belford Roxo, São Gonçalo, Nilópolis e São João de Meriti. O projeto conta com uma parceria firmada entre a Secretaria Municipal de Cultura do Rio de Janeiro, através do Edital de Fomento à Cultura; o Sebrae, para serviço de capacitação para elaboração de projetos; Agentes de Leitura



As obras selecionadas refletem sobre o respeito às diferenças – de cor, sexo, idade, condições financeiras, aparência física –, enquanto outras falam sobre nosso folclore, abordando fábulas e lendas

de São Gonçalo e contadores de histórias de diferentes municípios; Escolas que cedem espaço para realização do “Dia do Come Livro” e a Appai, que sempre esteve presente nas campanhas da Ação da Cidadania e continuou seu apoio acompanhando as transformações.

Os livros são selecionados de acordo com o valor econômico e o teor de suas mensagens. Foram adquiridas obras que refletem sobre o respeito às diferenças – de cor, sexo, idade, condições financeiras, aparência física – e outras que falam sobre nosso folclore, abordando fábulas e lendas.

Para a qualificação dos instrutores, uma vez por mês acontece a “Oficina de Agentes Multiplicadores de Leitura e Saber”, que capacita lideranças comunitárias para estimular a leitura,


trabalhando diferentes técnicas, criando atividades lúdicas, construindo grupos de cooperação. Visa estimular parcerias com escolas, igrejas, associações, comércios e sindicatos para preparar líderes a fim de se elaborar projetos e criar a história do Espaço de Leitura, mostrando os resultados de suas ações e mobilizando os cidadãos leitores.

Durante as oficinas são organizados os “Dias de Come Livro”, uma festa literária em prol do incentivo à leitura. Nesta ocasião, os coordenadores dos comitês locais distribuem lanches e livros para as crianças e seus familiares, além de realizarem atividades de contação de histórias utilizando diferentes técnicas, como dramatização e fantoches ou apenas usufruindo das imagens mágicas dos próprios livros. Nelas, o coordenador utiliza a criatividade dentro das possibilidades. Como exemplo temos a realização de passeatas, fantasias e decorações, mostrando para a comunidade a importância de estarem apresentando para suas crianças o mundo da leitura, dando asas à imaginação dos pequeninos e dos adultos, levando-os a novas descobertas, tudo com bastante integração. Enfim, estimular a realização de eventos específicos para a arrecadação de livros.

Em 2014 cerca de 1.000 crianças e jovens participaram das atividades realizadas pelos 20 comitês envolvidos no projeto, além de seus familiares e voluntários das comunidades. Para Ana Paula Souza, coordenadora de ações sociais da Ação da Cidadania, a Appai foi uma parceira fundamental para o sucesso dos eventos realizados em cada um dos 20 Espaços de Leitura, pois contribuiu para a aquisição de kits de materiais contendo estante, tapete, tenda, livros infantis, material pedagógico, camisetas e banner.

“Agradecemos esta parceria que nos ajuda a ajudar, a transformar, levando educação, cultura e reflexão a lugares muitas vezes desassistidos pelo poder público. Que no próximo ano possamos realizar ainda mais, chegar a mais lugares, despertar a força da união nessas pessoas e contagiar de influências positivas contribuindo para uma transformação social de que tanto necessitamos em nosso país”, enfatiza Ana Paula. Para Márcia Marinho, assistente social e uma das responsáveis pelo PPAS da Appai, “colaborar para a implantação desse projeto está na cultura e compromisso da associação com a transformação social, pois, nos Espaços de Leitura, líderes comunitários e educadores lutam contra o analfabetismo funcional; são agentes multiplicadores que constroem saberes e sonhos nas comunidades onde vivem; contribuem para a alfabetização de crianças e as ensinam a acreditar que um outro mundo é possível”, enaltece.

Colaboração: Richard Günter



Benefícios que o sono traz para a sua saúde

Dicas simples que contribuem para qualidade de vida e bem-estar

Jéssica Almeida

É durante esse período que o cérebro atua para consolidar a memória, equilibrar as experiências ocorridas em vigília e permitir a eficiência na associação dos conceitos e vivências

Quanto tempo você dorme por dia? Aliás, sabe de todos os benefícios que o sono oferece? Se a resposta para a segunda pergunta foi não, continue lendo a matéria e descubra como horas de sono bem dormidas podem contribuir para sua qualidade de vida e bem-estar. A Revista Appai Educar conversou com Luiza Elena Valle, membro do Grupo de Pesquisas Avançadas em Medicina do Sono e organizadora dos livros “Segredos do Sono – Sono e qualidade de vida” e “Sono e Saúde – Interface com a psicologia e a neurologia”, que nos conta muita coisa interessante sobre essa questão.

A especialista afirma que, para o adulto, o tempo normal de sono, em média, é de 8 horas, mas as necessidades variam, inclusive conforme o envelhecimento. “É importante lembrar que não é só a quantidade que conta: deve-se considerar também a eficiência. O exame que verifica a qualidade do sono se chama Polissonografia e é feito durante a noite para registrar diversas funções do organismo, como as ondas elétricas das regiões cerebrais, a respiração, o batimento cardíaco, o movimento dos membros, além do comportamento dos globos oculares, que dão indicação sobre o período dos sonhos”, garante.

Luiza explica que é durante o sono que as proteínas são sintetizadas com o objetivo de manter ou expandir as redes neuronais ligadas à memória e ao aprendizado. É do cérebro o comando na produção e liberação de hormônios, que interferem tanto no bem-estar físico como no psicológico, no crescimento, no desenvolvimento e no equilíbrio do organismo. O sono influencia na coor-

denaçoão motora, na capacidade de raciocínio, no controle da ansiedade, na disposição emocional e em todo o desempenho cognitivo. “É durante esse período que o cérebro atua para consolidar a memória, equilibrar as experiências ocorridas em vigília e permitir a eficiência na associação dos conceitos e vivências”, relata.

A profissional ressalta que problemas na quantidade ou na qualidade do sono atuam diretamente sobre o aprendizado e o desempenho, porque interferem na atenção, concentração, capacidades intelectuais e produtivas, causando alterações no humor e também irritabilidade. “Na sociedade atual há uma prevalência de sedentarismo e o aumento de tensão na realização de tarefas, pela sobrecarga de estímulos globaliza-

dos. Os jogos ou as atividades no computador ou a televisão deixam a pessoa em contato com a luz artificial de telas que confundem os sinais de luz recebidos pelo cérebro. Há, portanto, um maior risco para doenças crônicas relacionadas ao sono. Os distúrbios dessa natureza surgem sem que a pessoa se dê conta da verdadeira causa ou seja encaminhada para o exame ou tratamento especializado”, alerta a especialista.

Alguns procedimentos preventivos contribuem para a qualidade de vida e ajudam a evitar os distúrbios silenciosos que se manifestam no sono, muitas vezes só percebidos através de sintomas secundários e às vezes tardiamente. Confira no box abaixo algumas recomendações da especialista que podem ajudar – e muito – no sono saudável:

10 dicas para dormir melhor



– Crie o hábito de se deitar todos os dias no mesmo horário.



– Procure dormir com a cabeça e tronco mais altos que o abdome e os pés.



– Utilize seu relógio biológico para dormir e acordar.



– Faça um esforço para dormir de lado (é interessante colocar algum apoio nas costas para evitar dormir de barriga para cima).



– Pratique exercícios adequados a sua idade e a suas necessidades.



– Trate problemas como rinites, alergias e infecções respiratórias. Um nariz entupido requer esforço extra para inalar o ar através dele, o que resulta no famoso ronco.



– Busque uma alimentação adequada, lembrando que o horário do jantar não deve ser muito próximo da hora em que se vai dormir.



– Tome todas as medidas possíveis para tornar o quarto um ambiente acolhedor, silencioso, limpo, escuro e de temperatura agradável.



– Evite a ingestão de bebidas alcoólicas, o consumo do cigarro ou outras drogas.



– Não pratique exercícios físicos e atividades agitadas antes de dormir. Ao contrário, realize coisas relaxantes e agradáveis antes de se recolher.

* Luiza Elena Valle é Pesquisadora do CNPq e membro do Grupo de Pesquisas Avançadas em Medicina do Sono do Instituto Central do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, bem como da Associação Brasileira do Sono (ABS) e da Associação Mundial de

Medicina do Sono (Wasm). É autora/organizadora de livros, artigos científicos em revistas e congressos internacionais no Brasil sobre os assuntos mencionados. Doutora em Ciências pelo Departamento de Psicologia Social e do Trabalho do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.



Tem movimentação digital na Horta Agroecológica

Projeto de educação ambiental é selecionado pelo segundo maior festival de animação do mundo

Com o objetivo de estabelecer relações entre os conhecimentos de diferentes áreas e de fazer conexões com a vida, a educadora Vera Nácia Duarte, em parceria com a professora Mirian Teresa de Sá Leitão Martins, do Coletivo Hortação, implementou um projeto de horta agroecológica na Escola Municipal General Humberto de Souza Mello, que acabou sendo selecionado para a categoria *Anima Escola*, do Festival Internacional de Animação do Brasil (*Anima Mundi*). Como prática educativa integrada na forma de tema transversal, a atividade viabilizou uma abordagem crítica da educação ambiental, trabalhando de forma interdisciplinar, permitindo ao aluno refletir sobre as causas, consequências e maneiras de intervenção do homem na natureza.

O *Anima Escola* tem por objetivo levar a lin-

guagem audiovisual/animação para as escolas. Criado pela equipe do *Anima Mundi*, o projeto oferece cursos e oficinas a alunos e professores, para que possam produzir em sala de aula os seus próprios filmes de animação. De forma lúdica, a metodologia proposta estimula o florescimento de diversas habilidades e competências fundamentais para o desenvolvimento de crianças e de jovens, como criatividade, planejamento, síntese, abstração, concentração e comunicação.

A preocupação crescente com a qualidade de vida e a

preservação ambiental utilizando tecnologias limpas e sustentáveis motivou a comunidade escolar a buscar alternativas para a construção de hortas orgânicas com materiais simples e de fácil aquisição, como caixotes de feira, sementes e mudas doadas pela própria comunidade. A horta

Após produzirem uma horta agroecológica, a professora Vera Nácia teve a ideia de realizar uma animação em vídeo sobre a temática utilizando tecnologias limpas e sustentáveis





Na animação, duas crianças aprendem na escola como cultivar uma horta orgânica, separar o lixo e fazer uma composteira. Eles levam esse aprendizado para a comunidade e mudam sua realidade



inserida no ambiente escolar possibilitou uma vivência interdisciplinar e contextualizada, permitindo também trabalhar conceitos de agroecologia, alimentação orgânica, manejo, compostagem e agrotóxicos, auxiliando no processo de ensino e aprendizagem. E foi durante a aplicação do projeto que surgiu a oportunidade de inscrever uma animação como produção autônoma do *Anima Escola*.

“Embora eu já tivesse feito duas animações em anos anteriores, nunca havia realizado o curso do *Anima Escola*, o que foi possível com a seleção do meu projeto para a Produção Autônoma de Filmes de Animação voltados para Professores da Rede”, relata a professora Vera Nácia. Os alunos já estavam muito envolvidos com a atividade na horta, e o tema da animação foi uma consequência do trabalho realizado. Eles já sabiam, na teoria e na prática, os assuntos que envolviam germinação, cultivo, compostagem, alimentação saudável e coleta seletiva. A partir desses temas, eles delinearum um debate, fizeram o *storyboard* da animação, redigiram o roteiro, construíram os cenários e os personagens e escreveram o texto em forma de poema.

Através da comunicação que a Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro tem com os professores, Vera Nácia ficou sabendo da inscrição para o *Anima Mundi*. “Esperei com ansiedade pela divulgação do resultado. Essa animação foi feita com muito carinho e contou com o envolvimento dos alunos, a contribuição dos pais e o apoio da Mirian. Sem falar nas aulas brilhantes dos professores do *Anima Mundi* e das orientações do *Anima Escola* nas reuniões de Produção Autônoma, que ajudaram muito. Tudo que eu aprendia com eles aplicava em sala de aula com meus alunos. Nós não vamos parar por aqui, já estamos planejando a próxima animação. Eu e os estudantes estamos extremamente felizes por essa oportunidade. Eles aprenderam a ser gratos, a dividir as alegrias, como fazem com o trabalho, relata a professora.

O diretor do *Anima Escola*, Marcos Magalhães, revela que a mostra foi criada para proporcionar ao público a oportunidade de conhecer trabalhos criativos e originais feitos em experiências educacionais em diferentes níveis

de escolaridade e sobre os mais diversos assuntos. “Para os autores dos vídeos exibidos na sessão é uma experiência enriquecedora verificar que suas mensagens criadas através da linguagem da animação conseguem interagir não só com os colegas da mesma comunidade, mas com o público geral do festival e de outros países e instituições”, enfatiza Marcos.

De acordo com Marcos, o projeto *Anima Escola* se dirige prioritariamente ao professor, que é reconhecido como o agente multiplicador responsável por motivar a aquisição de conhecimento e aprendizado por parte dos alunos. A partir da capacitação proporcionada pelo projeto, o educador pode realizar atividades em sala de aula utilizando a linguagem da animação em múltiplas atividades derivadas. A principal é a criação de vídeos, que são em sua maioria concebidos num rico processo de colaboração coletiva, no qual os alunos participam exercitando e desenvolvendo sua criatividade e as habilidades de expressão visual e verbal.

O festival se realiza sempre no mês de julho desde o ano de 1993 nas cidades do Rio de Janeiro e de São Paulo, tendo se tornado o segundo maior evento de animação do mundo. Desde a primeira edição, uma de suas maiores atrações é o Estúdio Aberto, onde o público, entre uma sessão e outra de filmes, produz cenas de animação em diversas técnicas, podendo assistir ao resultado na hora. Foi a partir do interesse que essas oficinas despertavam em professores e alunos de escolas públicas e particulares que a equipe do *Anima Mundi* resolveu elaborar atividades e métodos de ensino especialmente dirigidos ao ambiente escolar.

Colaboração: Richard Günter

Escola Municipal General Humberto de Souza Mello
Rua Oito de Dezembro, 275 – Vila Isabel
Rio de Janeiro/RJ
CEP: 20550-000
Tels.: 2284-1569 / 2284-1254
E-mail: emghmello@rioeduca.net
Coordenadora do projeto: Vera Nácia
Fotos cedidas pela escola

Professor,



Conheça os seus benefícios

